

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Maurício da Silva Dorneles

**PROTAGONISMO NEGRO E AÇÕES EDUCATIVAS CONFIGURADAS NO
PROJETO DO CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRO/CRAB EM
PORTO ALEGRE/RS**

Porto Alegre
2021

Maurício da Silva Dorneles

**PROTAGONISMO NEGRO E AÇÕES EDUCATIVAS CONFIGURADAS NO
PROJETO DO CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRO/CRAB EM
PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carla Beatriz Meinerz

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Humanidades

Porto Alegre
2021

Maurício da Silva Dorneles

**PROTAGONISMO NEGRO E AÇÕES EDUCATIVAS CONFIGURADAS NO
PROJETO DO CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRO/CRAB EM
PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carla Beatriz Meinerz

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Humanidades

Aprovada em 15/12/2021.

Prof^a Dra. Carla Beatriz Meinerz – Orientadora

Prof^a. Dra. Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher (PPGEDU/UFRGS)

Prof. Dr. Marcus Vinícius de Freitas Rosa (PPGH/UFRGS)

Prof^a Dra. Lúcia Regina Brito Pereira (PUCRS/SEDUCRS)

AGRADECIMENTOS

À minha Mãe, que neste período atípico, pandêmico, foram poucos os dias que teve a oportunidade de se manter em isolamento. Grato pelos ensinamentos ao longo dos anos e por me fazer chegar até aqui, Dona Indiara.

Ao Joaquim, pelos seus encantamentos e ensinamentos.

À espiritualidade e aos orixás que me acompanham e me guardam.

Aos companheiros do “Só Ladaia” pelos momentos diários que passamos, principalmente durante esses dois anos, Davi dos Santos, Guilherme Brasil, Lucas Samuel, Matheus Schuster, Fábio Dias, Guilherme Gutierrez e Matheus Gomes.

Às madrinhas Vanessa Bayo e Priscila Pereira, pelas trocas, pelas dúvidas, enfim, pelas parcerias.

Às queridas Ana Athayde e Andréia Rodrigues, pelos cuidados com a saúde deste que é eternamente grato.

À Giovanna Jung pela amizade e pelos “empréstimos” e assessoria tecnológica para realização das entrevistas presenciais.

Às queridas colegas MestrandEs e Doutoranda, das quais também sou muito grato pelos momentos que passamos e nos contruímos durante esse processo: Luciana Dornelles (minha nova prima), Nelza Jaqueline (grato também pela assessoria digital nas entrevistas online), Graziela Neto, parceira de samba-enredo, Paulina Gonçalves, sempre com a sua sapiência e Vitória Sant’ana.

Às meninas também parceiras da segunda leva desse grupo, Mayara Almeida, Dandara Dorneles (minha outra prima) e Jardélia de Sá, grato também pelo acolhimento e pelas conversas, pelas filosofias trocadas e pelas perguntas difíceis.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos, sem ela não teria todas as condições de contruir essa pesquisa.

Aos servidores do Programa de Pós-Graduação em Educação, o agradecimento por estarem sempre apostos a nos atender, mesmo que em condições adversas.

Às professoras do PPGEduc com as quais pude conviver e aprender nesse período.

Aos homens e mulheres do Movimento Negro que inspiram com as suas vidas e nos permitem pensar o mundo a partir das suas experiências.

À banca de avaliação, desde já meu agradecimento e admiração.

E por último, mas não menos importante, à Professora Doutora Carla Beatriz Meinerz

pelo acolhimento, por acreditar na proposta de pesquisa, pela acolhida desde os tempos da Graduação e agora na Pós-Graduação. Não há palavras que dimensionem as colaborações e o incentivo investido por parte desta mulher a quem possuo grande admiração e respeito pela trajetória e pelo fazer acadêmico. Agradeço também à sua paciência, principalmente nos momentos de incerteza.

“Não existe redenção para as grandes tragédias, mas a vingança sublime e a única forma de transcendência dos homens ao desmazelo da vida é transformar a má fortuna e a dor em beleza, civilização e arte.”

(Luiz Antonio Simas)

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado em Educação é um ensaio sobre a história do Centro de Referência Afro-Brasileiro (CRAB), como projeto configurado pelo Movimento Negro em Porto Alegre na relação com a administração pública municipal. Objetivou-se compreender as ideias político-educativas construídas pelo protagonismo das pessoas negras no processo de monumentalização de territórios negros na cidade. Com inspiração em Leda Maria Martins proponho pensar o CRAB como um fenômeno que se realiza na qualidade de movimento espiralar. A análise do protagonismo das pessoas e grupos que se envolveram com a projeção do CRAB é realizada a partir de uma perspectiva Afroperspectivista no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais. Com pressupostos da abordagem qualitativa em Educação, a pesquisa visou promover uma associação entre momentos de entrevistas abertas, com primazia da oralidade, e momentos de análise de revisão documental, acadêmica ou própria do que foi guardado pelos movimentos sociais negros ou pelas instituições estatais da municipalidade. Conclui-se que as pessoas negras construíram, através do CRAB, ações educativas e lugares epistêmicos próprios para explicar a cidade e seus territórios na mesma. As experiências produzidas pelos agentes afro-gaúchos que constituíram as ações político-educativas investigadas, demonstram um potencial para desmistificar narrativas universalizantes e se somam às epistemologias polirraciais.

Palavras-chave: Centro de Referência Afro-Brasileiro; Relações Étnico-raciais; Educação.

ABSTRACT

The present Master's thesis in Education is an essay on the history of the Afro-Brazilian Reference Center (CRAB), as a project configured by the Black Movement in Porto Alegre about the municipal public administration. The objective was to understand the political-educational ideas built by the protagonism of black people in the process of monumentalization of black territories in the city. Inspired by Leda Maria Martins, I propose to think of CRAB as a phenomenon that takes place as a spiral movement. The analysis of the protagonism of the people and groups that were involved with the projection of CRAB is carried out from an Afroperspectivist perspective in the field of Ethnic-Racial Relations Education. With assumptions of a qualitative approach in Education, the research aimed to promote an association between moments of open interviews, with the primacy of orality, and moments of analysis of documental, academic or own review of what was kept by black social movements or by state institutions in the municipality. It is concluded that black people built, through CRAB, educational actions and epistemic places of their own to explain the city and its territories in it. The experiences produced by the Afro-Gaucho agents that constituted the investigated political-educational actions demonstrate a potential to demystify universalizing narratives and add to the polyrational epistemologies.

Keywords: Afro-Brazilian Reference Center; Ethnic-Racial Relations; Education.

SUMÁRIO

1. HORIZONTE INICIAL: O CRAB E A HISTÓRIA VIVA DO PRETO	11
1.1 LICENÇA PARA ME APRESENTAR.....	12
2.TRAÇADOS DE COMO SE FEZ A INVESTIGAÇÃO	23
3.O CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRA (CRAB) EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: CONGREGAÇÃO DE DISTINTAS PESSOAS NEGRAS EM MOVIMENTO E GRUPOS DO MOVIMENTO NEGRO SUL-RIO-GRANDENSE	29
3.2.A HISTÓRIA DOCUMENTADA E CONTADA: O CRAB EXISTIU?	34
3.3.MESTRE LUA: AS PESSOAS EM REDES E MOVIMENTOS.....	43
4. AÇÕES EDUCATIVAS CONFIGURADAS NO PROJETO DO CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRA (CRAB)	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES.....	55

1. HORIZONTE INICIAL: O CRAB E A HISTÓRIA VIVA DO PRETO

“Não se estuda, no negro que está vivendo, a história vivida. Somos a história viva do preto, não números” (NASCIMENTO, 2021, p. 45).

Peço licença para contar essa história, na forma de Dissertação de Mestrado Acadêmico em Educação na Linha de Pesquisa Educação, Culturas e Humanidades do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estive, desde a defesa do projeto de dissertação, em final de novembro de 2020, escrevendo e vivendo. Estudei sobre a história do Centro de Referência Afro-Brasileiro (CRAB) e permaneci sobrevivendo, como aqueles que provavelmente me leem, no contexto de uma pandemia causada pelo Novo Coronavírus (Sars-Cov2¹), denominado Covid-19. No Brasil, somam-se cerca de 613 mil vidas ceifadas pela crise sanitária e social agravada pelo descaso das autoridades públicas federais. A história que vou contar sobre o CRAB e o Movimento Negro em Porto Alegre é uma tentativa de reconhecer os que vieram antes de nós, dos que estão vivendo o presente e inscrevendo o que foi e o que é através do que concebi, inspirado em Leda Maria Martins (2002), como um fenômeno que compreendo na qualidade de *movimento espiralar*.

A presente Dissertação de Mestrado em Educação foi sendo construída nesse contexto de reinvenção e aprendizado de novos hábitos pessoais e familiares, deixando outros e outras coisas para trás, com alguma dose de dolorida adaptação. Tais hábitos atingiram de forma específica o fazer investigativo, exigindo reformulações nas expectativas de acesso às pessoas e aos documentos. Não destruíram, porém, os desejos iniciais de contribuir na positivação das narrativas sobre as vidas e os projetos político-educativos das pessoas negras em movimento na cidade de Porto Alegre (GOMES, 2017). Igualmente mantiveram viva a chama de responder as seguintes questões de pesquisa: *Como os protagonismos das pessoas negras se fazem presentes na construção do projeto sociopolítico nomeado (CRAB), no final do século XX e início do século XXI, na monumentalização de territórios negros da cidade de Porto*

¹A doença SARS-CoV2, denominada de Coronavírus (COVID -19), é uma doença respiratória aguda no qual foi identificado primeiramente na cidade de Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019. O primeiro caso identificado no Brasil foi em fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo. No mês de março, a Organização Mundial de Saúde (OMS) por conta do grande número de pessoas infectadas pelo mundo, declarou o surto como Pandemia, sugerindo protocolos sanitários que incidiram sobre as relações interpessoais, como o isolamento.

Alegre? Ainda: a existência prática do CRAB pode ser compreendida como cruzo entre ideias político-educativas a partir de uma agremiação negra de Porto Alegre?

A partir do diálogo com a banca que avaliou o projeto de pesquisa, repensei a categoria agenciamentos e optei por pensar o fenômeno do CRAB a partir da ideia de protagonismo negro, observando que o termo agência pode acentuar um sentido liberal que orienta ações individuais nem sempre conectadas às complexas redes de relações societárias. Ana Flávia Magalhães Pinto (2018) inspira esta opção, na medida em que evidencia as lutas pela liberdade das pessoas negras congregadas em distintas redes políticas, mesmo em condições de interdição da cidadania, capazes de demonstrar sua criativa capacidade de ação coletiva.

Neste capítulo 1, encontram-se os caminhos teóricos e como este pesquisador chegou até o foco da investigação. No capítulo 2, a metodologia da pesquisa, assim como os procedimentos adotados para as entrevistas e análises.. No capítulo 3, o foco principal, o Centro de Referência Afro-Brasileiro e seu projeto de base comunitária, e no capítulo 4, são descritas ações educativas relacionadas ao CRAB e também outras ações que foram inspiradas pelo mesmo.

1.1 LICENÇA PARA ME APRESENTAR

Peço licença para voltar a escrever sobre meu próprio processo de escrita, também como forma de explicitação do que sinto em relação aos próprios problemas investigativos que experimentei. Foi em casa, no início do confinamento, quando me descobri² hipertenso e disposto a pensar a ancestralidade e as próprias diferenças ou especificidades de doenças e fragilidades corpóreas mais predispostas às pessoas pretas.

Estou entre a quarta ou quinta geração da família e não temos a oportunidade de reconstituir com detalhes a nossa história, pela violência do processo colonizador europeu, capaz de unir América e África e produzir outros tempos e espaços, ou um “espaço descontínuo no tempo” (NASCIMENTO, 2021, p. 251).

Proponho uma breve reflexão sobre o que ainda vivemos enquanto pessoas pretas no Brasil, a partir de uma perspectiva particular. A intenção deste trabalho não é falar sobre

² A escrita do texto é hegemonicamente realizada na terceira pessoa do plural, uma opção por compreender que carrego comigo as epistemologias de meus ancestrais. Por vezes oscilo na escrita relativa à alguma vivência singular minha e, por isso, registro na primeira pessoa do singular.

aquilo que nos acomete historicamente, mas sim tratar de como driblamos as imposições, como cantamos e gingamos perante as circunstâncias, criamos possibilidades e propomos projetos políticos para uma sobrevivência mais humana e digna. A proposta aqui é falarmos de vida. Educação é vida e se faz nas encruzilhadas.

Segundo Rufino (2018),

As encruzilhadas nos apontam múltiplos caminhos, outras possibilidades. Assim, a compreensão acerca da política emerge também como um saber na fronteira, angariando os espaços vazios, praticando as dobras da linguagem e escapando dos limites propostos por razões totalitárias. Por aqui, a poética é política, emergem outras formas de dizer que reivindicam outro senso. Revela-se a dimensão lúdica da vida e o caráter cruzado das invenções praticadas nas travessias da encruza transatlântica (p. 82).

Exu, Orixá Iorubano, é o dono das encruzilhadas, dos caminhos, da comunicação, do movimento, da fartura e fertilidade. A partir do levantamento de Reginaldo Prandi (2001), Exu recebe várias formas de referência: Legba, Eleguá ou Bará, corruptela de Elegbara, nome pelo qual é referido no Batuque, a religião dos Orixás no Estado Rio Grande do Sul. Dono do fogo e da terra, é esperto e astuto, com qualidades e virtudes que inspiram propostas de ensino emancipadoras no campo do ensino de história.

Práticas e experiências construídas em condições históricas de extrema adversidade social, possuem tanta relevância quanto os conhecimentos acadêmicos já consagrados, mas nessa escrita proponho o *cruzo* de ideias e conhecimentos capazes de abrir o leque da diversidade, colocando-nos em encruzilhada, como Exu, diante de diferentes possibilidades nem unívocas, tampouco universais.

As inquietações aqui apresentadas foram construídas ao longo de minha formação como estudante negro cotista do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Durante minha trajetória acadêmica, tive a oportunidade de participar de ações de extensão e projetos fora da instituição que me aproximaram de frações do Movimento Social Negro de Porto Alegre e seus agentes, conhecendo outros colegas negros e construindo ações políticas dentro da universidade, em parceria com alguns departamentos, institutos, servidores técnico-administrativos, e professoras e professores.

O contato com a equipe do projeto “Territórios Negros: Afro-Brasileiros em Porto Alegre” aconteceu ainda em 2011, quando uma amiga encaminhou um e-mail sobre a abertura de uma vaga para atuar no projeto. Naquele momento ela não poderia estar ativa no mesmo, em função da conclusão do seu curso de graduação, optando por repassar o convite para a vaga aos amigos interessados. Tive muito interesse, até porque já havia escutado algumas

histórias sobre a presença negra em Porto Alegre e, com essa oportunidade, talvez eu pudesse sanar essa curiosidade sobre assuntos como: o Príncipe na Cidade Baixa, Canelas Pretas, Bará do Mercado, Ilhota, entre outras histórias, trajetórias, lugares e personagens que fizeram e fazem parte da história da comunidade negra da capital do Rio Grande do Sul.

Explico, a seguir, os motivos de minha curiosidade. Sou nascido no interior do estado, na cidade de Santa Maria. Quando eu tinha cerca de 15 anos, minha mãe e eu nos mudamos para a capital. A maior visibilidade da história da cidade é para a colonização alemã, polonesa e italiana, porém é sabido que existiu uma forte presença indígena e também africana nesse espaço. Parte da minha família tem ancestralidade africana e desejo saber mais de minhas origens. Porém, por conta do racismo epistêmico (NOGUERA, 2011) que atinge todas as instituições e relações sociais desenvolvidas em nosso país, as histórias de negros e indígenas ainda são resumidas ao período (colonial) histórico conhecido como escravidão. Cresci numa grande e tradicional família negra, que tinha como maior referência a minha avó materna, a Vó ou Dona Sila, como era chamada. Foi através dela que vivenciei as festas de Batuque, as festas e ensaios na quadra da Escola de Samba, as benzeduras, as plantas no pátio – lembro de quando acertávamos a bola e ela dizia para cuidar as roseiras! Também com ela vivi as grandes reuniões em família, regadas à churrasco, música e muita gente, tios, primos e aquela grande parentela que parecia não ter fim. Em todas essas vivências, os valores civilizatórios afro-brasileiros estavam presentes. Aí se desenvolveu a dúvida: será que essa gente toda não tem história, não tem uma origem?

Na minha infância, por exemplo, na sala de aula, éramos eu e mais um ou dois colegas negros. Já em Porto Alegre éramos a metade da sala, metade da escola talvez, o que, para mim significava muito mais gente. O choque produzido pela nova cidade foi muito grande, refletido na maior quantidade de pessoas, no ritmo de vida muito mais acelerado, mas especialmente na minha percepção de que Porto Alegre era uma cidade negra, quando comparada à Santa Maria. Como uma pessoa nova na cidade e conhecendo seus espaços, tornei-me um simples observador e percebi marcadamente os locais de presença negra. Descobri aos poucos onde moravam, onde circulavam, em que momentos e lugares determinados estavam os negros.

Assim, ao conviver com outras pessoas negras da capital fui conhecendo essas histórias que volta e meia surgiam da boca de alguns, principalmente os mais velhos e, por isso, quando chegou a oportunidade de conhecê-las, não hesitei e encaminhei o e-mail com interesse na vaga.

Naquele momento, estava também iniciando o curso de Licenciatura em História na

UFRGS e já tinha participado de algumas atividades do então Grupo de Trabalho Negros da Associação Nacional de História/Seção RS (ANPUH/RS). Conheci professores e professoras, negros e negras, que estavam concluindo seus estudos de pós-graduação – mestrados e doutorados, descortinando através de duas pesquisas, as histórias da população negra do Rio Grande do Sul.

Foi atuando como mediador no Projeto Territórios Negros, através do seu percurso e da sua dinâmica singular, que acabei conhecendo toda a cidade de Porto Alegre, revisitando minhas próprias memórias e experiências como um sujeito negro em construção, refletindo junto ao público das comunidades escolares que frequentavam diariamente o ônibus.

Compreendi que tratar da cultura afro-brasileira, por meio dessa ação educativa, pressupõe instigar a dimensão lúdica e circular, porém aprendi igualmente que existem vivências que dependem de como cada pessoa as entende ou assimila. Essas vivências são exercitadas e reforçadas dentro do percurso do ônibus, junto ao Museu de Percurso do Negro (RAMOS; VARGAS; SOUZA, 2015), no monumento Tambor, por exemplo, nosso ponto de partida ao chegar no centro da cidade. Ali surgiam as mais diversas reações, desde um profundo estranhamento até uma imediata empatia ou familiaridade com a obra. Através dele iniciamos a nossa trajetória, com o “celular da época”, como eu dizia, referindo-me ao tambor como uma das primeiras formas de comunicação dos seres humanos.

Uma lembrança interessante é a de que estudantes adeptos das religiões de matriz africana reproduziam os sons dos tambores que eles tocavam dentro dos terreiros, já os adeptos aos cultos neopentecostais, inclusive, chutavam o tambor em sinal de protesto ou intolerância. Essas atitudes eram bons disparadores para discutir as várias formas de preconceito contra as religiões de matriz africana. Outro ponto muito interessante era o Mercado Público, lugar com o qual a grande maioria dos frequentadores se identificava. Após a visita ao assentamento do Bará, no centro do Mercado, muitos queriam trazer as suas experiências como frequentadores do Batuque e demonstravam certo orgulho em pertencer às religiões de matriz africana. Destaco que o estado do Rio Grande do Sul possui o maior número de terreiros e adeptos do Batuque no Brasil, principalmente na região metropolitana de Porto Alegre. Foi bastante curioso, não apenas para mim, mas para quem frequentava o ônibus, que dentro da capital haviam quatro comunidades quilombolas urbanas, algo até então tratado de forma romantizada pelos livros. A visita aos quilombos gerava uma certa expectativa nos estudantes, mas quando viam que era apenas uma comunidade, surgiam frases como – “mas é igual à minha vila” ou “mas não tem árvores”. A imagem construída na mente da maioria é que seria um local com grande vegetação, habitações feitas de madeira e palha e

as pessoas vivendo como no Quilombo dos Palmares ou como algumas comunidades tradicionais que vivem no interior de alguns países africanos.

Ao longo do envolvimento com o Projeto, tivemos a oportunidade de conhecer as comunidades escolares de grande parte da rede de ensino básico, municipal, estadual e até escolas privadas, de Porto Alegre, região metropolitana e até do interior do estado, desenvolvendo ações educativas em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004).

A partir dos compromissos do LHIESTE/UFRGS³ com a formação vinculada às referidas Diretrizes, desenvolveu-se o Programa de Extensão “Territórios Negros: Patrimônios Afro-Brasileiros em Porto Alegre”, com a realização de ações diversas. Minha atuação no Programa foi na equipe de mediação do ônibus, na equipe de coordenação da 3ª edição do curso de formação de professores e na equipe da construção do jogo de tabuleiro chamado “As viagens do Tambor”. Nesses espaços, junto aos parceiros do Programa, estreitamos relações com sujeitos e instituições que compõem os movimentos negros de Porto Alegre.

Experimentei na universidade, através das ações extensionistas, a construção de materiais com e para as escolas, em movimentos nunca verticalizados, mas sim construídos horizontalmente, nos quais todos os participantes tiveram voz e somaram-se na construção das inúmeras atividades. Uma grande equipe composta por graduandos, pós-graduandos, professores e professoras universitários, educadores das redes públicas de ensino, ativistas dos movimentos negros dos mais diversos segmentos como artistas (músicos, poetas, artistas plásticos, bailarinos, etc.), carnavalescos, funcionários públicos, profissionais autônomos, aposentados, lideranças religiosas, griôs. Grupos e pessoas distintas que sentaram conosco para dialogar e refletir na construção destas ações, seja dentro da universidade ou fora dela, nas sedes dos quilombos ou dos clubes sociais negros, por exemplo. Uma das grandes parceiras é a Griô Maria Elaine Espíndola Rodrigues – a Dona Elaine⁴, que acabou tornando-

³ Laboratório de Ensino de História e Educação (LHIESTE) da UFRGS, institucionalizou o Programa de Extensão, originando de uma demanda trazida de fora da universidade, pelos sujeitos e grupos envolvidos com o Projeto da Prefeitura Municipal intitulado Territórios Negros, um percurso de ônibus que percorria pontos específicos da cidade, passando por regiões historicamente reconhecidas como territórios de moradias, trabalhos, lutas, sociabilidades e religiosidades vinculadas à negritude. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/lhiste/extensao/territorios-negros/>>. Acesso em: 20 de março de 2020.

⁴ Maria Elaine Rodrigues Espíndola, mulher negra e ativista social. A mestra atua na liderança da MOCAMBO e possui reconhecimento como Griô (refere-se à condecoração, por política pública ou não, relativa aos saberes da oralidade dos descendentes de africanos no Brasil) pelo Projeto Museu Percurso do Negro/Centro de Referência Afro-brasileiro/Programa MONUMENTA (2009) e pela Câmara Municipal de Porto Alegre (2010). Professora

se personagem do nosso jogo, afirmando que não poderia estar ali referenciada sem que aparecesse seu coletivo – a MOCAMBO, entidade da qual ela é representante e que preserva a cultura e memória afro-gaúcha. Ainda nesse diálogo, recordo as dúvidas em como representar uma entidade centenária como a Sociedade Floresta Aurora – seria ela apenas um clube bailante? Não, ela também foi proponente e sede do Congresso Nacional do Negro em 1958, em Porto Alegre, como se orgulham e reivindicam memória os seus atuais diretores.

Foi por meio da Ludicidade, do Cooperativismo, da Memória, da Ancestralidade, da Corporeidade, da Territorialidade, enfim, de todos os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros (TRINDADE, 2010) que construímos as nossas ações. Na formação com os professores, que tinham a incumbência de identificar os territórios negros nas suas comunidades escolares, também desenvolvemos esses valores e, a partir disso, surgiram dezenas de materiais e novas possibilidades de compreender as histórias dos estudantes, seus familiares e até mesmo dos próprios professores e professoras, negros ou não. Todos nós, fundamentados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana – DCNERER (2004), compreendemos várias formas não só de ensinar como de aprender em grupo, em parceria, compartilhando saberes.

A partir dessas experiências surgiram muito mais histórias, trajetórias, personagens, lugares, pessoas a serem descobertas e elevadas à superfície da História. Uma História que pode ser contada não somente na sala de aula, pois o aprendizado não se faz somente dentro dela, está além dos muros das escolas ou universidades, constrói-se em diversos outros espaços. O ônibus, que percorreu as ruas de Porto Alegre de 2010 a 2017, era apenas uma dessas possibilidades, lamentavelmente suspenso e deixando a cidade sem a oportunidade de conhecer partes da sua história e de seus agentes, de sua gente. Seguimos, através do Museu de Percurso do Negro, dos Saraus, dos Slams, das Rodas de Samba e de Capoeira, das Festas de Batuque ou de outras religiões. É a circularidade sempre presente.

Analisar a contribuição dos saberes, valores e experiências afro-brasileiros a partir da diáspora, possibilitam e promovem uma educação antirracista. Experiências produzidas pelos agentes afro-gaúchos que constituíram as ações político-pedagógicas já mencionadas demonstram o potencial presente também para o ensino de história.

aposentada, é filha de Mariazinha, fundadora da Ala Verde Que Te Quero Rosa da Escola de Samba Praiana. Milita em diferentes espaços políticos e culturais porto-alegrenses, tais como: Orçamento Participativo, Associação de Remanescentes de Quilombos, Programa Quilombolas em Rede, Conselho local de saúde, Piquete O Mocambo dentro do Acampamento Farroupilha de Porto Alegre e Conselheira do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (CODENE/RS). Atua nas atividades de extensão e ensino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como Mestre Griô, destacadamente na disciplina *Encontro de Saberes*, Porto Alegre.

No entanto, é necessário reconhecermos parte da trajetória das pessoas negras em movimento na cidade de Porto Alegre através de um breve levantamento histórico através de suas organizações.

Centralizo minha escrita na premissa de que essas pessoas construíram, através do CRAB, ações educativas e lugares epistêmicos próprios para explicar a cidade e seus territórios na mesma. Inspirado em Katiúscia Ribeiro (2017) e Nilma Lino Gomes (2017), penso esses lugares não apenas como lócus social, mas, sobretudo, como experiência de construção de um tipo específico de conhecimento, com valor epistemológico intrínseco, aquele forjado nos agenciamentos e lutas por emancipação. Assim como território transcende a ideia de espaço físico, também o epistêmico ultrapassa o social e contempla o que Daniele Vieira (2017) expressa como releitura da cidade com referências simbólicas plurais. Nas palavras da autora:

[...] o território negro enquanto espaço físico e simbólico, configurado a partir da funcionalidade (habitação, trabalho, lazer) e/ou da prática cultural (batuque, carnaval, religiosidade) exercida por mulheres e homens negros, cuja significação é construída a partir da presença negra e/ou das atividades desenvolvidas por estes (VIEIRA, 2017, p. 180).

Esta pesquisa e a ampliação das investigações destes temas dentro da academia só são possíveis por conta da adesão da Política de Ações Afirmativas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), que desde 2017 oferta a reserva de vagas para candidatos/as autodeclarados/as negros/as, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, pessoas travestis e transexuais, nos cursos de Mestrado e de Doutorado.

Embora o Governo Federal, através do Ministério da Educação, tenha publicado a Portaria nº 545, de 6 de Junho de 2020, que revogava a Portaria Normativa nº 13, de 11 de Maio de 2016, que dispõe sobre a adoção de Ações Afirmativas na Pós-Graduação, isso mobilizou os estudantes e professoras de pós-graduação de todo o país em defesa da manutenção das Políticas de Ações Afirmativas, que são uma das grandes conquistas promovidas pelos agentes do Movimento Negro Brasileiro no século XXI. Trata-se de medidas de reparação que visam promover a igualdade de oportunidades a determinados grupos étnicos ou raciais historicamente discriminados, através da reserva de vagas.

1.2.CAMINHOS INVESTIGATIVOS DO ENCONTRO COM OS *MALANDROS ENCANTADOS* EM PORTO ALEGRE

A escrita de uma história vivida por corpos negros exige do historiador no campo da Educação rompimentos com a forma centralizada numa narrativa cujo centro está em Europa. Não se trata de uma regra o estudante negro pesquisar sobre a história do seu povo ou das incidências das ações humanas sobre ele, mas sim de um compromisso ético ao perceber a unilateralidade e a universalidade das narrativas eurocêntricas que compõem as produções e os inúmeros currículos dos departamentos da academia brasileira na qual está inserido. Sendo assim, o que propomos? A descolonização do pensamento e o “enegrecer” das dinâmicas de produção do conhecimento, na qualidade de ações capazes de forjar outros caminhos e outras possibilidades. Emancipando sujeitos e transformando espaços universalmente monorracionais em espaços Pluriversais e Polirraciais.

Ao passo que me aproximo à análise do protagonismo das pessoas e grupos que se envolveram com a projeção do CRAB, também será pertinente uma abordagem Afroperspectivista. De acordo com o filósofo Renato Noguera (2011) a base da abordagem Afroperspectivista é “demarcada por repertórios africanos, afrodiaspóricos, indígenas e ameríndios”. A Filosofia em Afroperspectiva também se referencia em aspectos da Afrocentricidade e vai além ao integrar o Quilombismo e o Perspectivismo Ameríndio. Assim sendo,

[...] em linhas bem gerais, uma abordagem filosófica afroperspectivista é pluralista, reconhece diversos territórios epistêmicos, é empenhada em avaliar perspectivas e analisar métodos distintos. Tem uma preocupação especial para a reabilitação e o incentivo de trabalhos africanos e afrodiaspóricos em prol da desconstrução do racismo epistêmico antinegro e da ampliação de alternativas para uma sociedade intercultural e não hierarquizada (NOGUERA, 2011, p. 68).

Acredito que essa abordagem contempla em sua formulação os propósitos desta dissertação, pois oportuniza no presente tempo e espaço ampliar o debate no que se refere ao racismo epistêmico na academia e na sociedade, principalmente no que tange uma alternativa e uma possibilidade de compreender o passado e quem fomos ou somos, forjando o presente e o futuro em bases plurais e equitativas do ponto de vista racial.

Analisar a contribuição dos saberes, valores e experiências afro-brasileiros para Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), a partir da diáspora, possibilita e promove uma educação antirracista. Igualmente, as experiências produzidas pelos agentes afro-gaúchos que constituíram as ações político-educativas, e que pretendo examinar nesta dissertação, demonstram um potencial presente para desmistificar narrativas universalizantes e se somam

às epistemologias polirracionais. Uma prática que é inspiração dessa escrita é a proposta de quilombismo de Abdias Nascimento. Em suas palavras:

Um instrumento conceitual operativo se coloca, pois, na pauta das necessidades imediatas da gente negra brasileira. Tal instrumento não deve e não pode ser fruto de uma maquinação cerebral arbitrária, falsa, e abstrata, nem tampouco um elemento de princípios importados, elaborados a partir de contextos e de realidades diferentes. A cristalização dos nossos conceitos, definições ou princípios deve exprimir a vivência de cultura e de práxis da coletividade negra, deve incorporar nossa integridade de ser total em nosso tempo histórico, enriquecendo e aumentando nossa capacidade de luta. Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro. Esta se apresenta como tarefa da atual geração afro-brasileira: edificar a ciência histórico-humanista do quilombismo (NASCIMENTO, 2019, p. 289).

Na esteira da Afroperspectiva, o Quilombismo, abordagem cunhada por Abdias Nascimento também na virada das décadas de 1970 para 1980, procura estabelecer diretrizes para a organização político-social “da gente negra brasileira”, inspirada em um dos principais exemplos de contra-colonização ocorrido na diáspora africana no Brasil, entre os séculos XVI e XVII, o Quilombo dos Palmares. A experiência comunitária dos quilombolas e sua autonomia são defendidos por Nascimento ao propor um novo projeto político de humanidade para toda sociedade brasileira, em que se busca a emancipação do povo negro e a manutenção da herança africana. Tais características dessa experiência constituíram um status de estado autônomo dentro da colônia portuguesa, que por décadas travou conflitos bélicos na tentativa de destruí-la. Inúmeras foram as fugas, insurreições e aquilombamentos na história do país, por parte dos africanos escravizados. Igualmente de grande diversidade são as organizações sociopolíticas criadas pelos mesmos e por seus descendentes, no intuito de construir e propor outros projetos à nação brasileira, a partir do cultivo dos seus saberes e valores. Tais projetos incluem a educação como base.

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso, facilitando sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também podiam assumir modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados fundamentalmente, todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba e gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém, tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A

esse complexo de significações, a essa práxis afro-brasileira, eu denomino quilombismo. (NASCIMENTO, 2020, 281-282)

A nomeada Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), é um exemplo de proposta educativa forjada pelo Movimento Negro em nosso país, como ação afirmativa de combate ao racismo no campo dos currículos, associada a um projeto de humanidade alternativo ao hegemônico na atualidade. A ERER propõe como estratégia curricular a obrigação do ensino positivado da História e Cultura dos Povos Africanos e Afro-brasileiros em todos os níveis da educação, atingindo a Básica e a Superior. O marco legal que se instaura com a Lei 10.639/03, responsável pela criação do artigo 26A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁵, está amparado num projeto de humanidade que questiona não apenas o racismo, mas o ideário civilizador e colonial que o estrutura e permanece operando até os dias atuais.

Inspiro-me na leitura das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (DCNERER), publicadas em 2004 pelo Ministério da Educação, prescrição válida até o momento atual. Tais normas associam a dimensão relacional e cognitiva da proposição dos estudos que abordem questões até então pouco compartilhadas em ambientes acadêmicos e escolares. Justamente porque a emergência desses temas, a partir da Lei 10.639/03, é uma ação afirmativa no campo do currículo, cujo grande objetivo político e pedagógico é contribuir com a erradicação do racismo no Brasil. Saliento o que Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, redatora das DCNERER, docente universitária indicada pelo Movimento Negro ao Conselho Nacional de Educação, repete incansavelmente:

O objetivo do movimento negro era propor a Educação das Relações Étnico-Raciais como projeto de sociedade e não como temática de estudos. Relações são ações não são temáticas. Enquanto tratarmos apenas como uma temática as coisas vão continuar como estão. O meio para alcançar esse projeto de sociedade é o estudo de história e cultura africana e afro-brasileira, mas esse não é o fim, o fim é a ação antirracista no cotidiano institucional (Conferência da aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, Porto Alegre, 14.08.2017).

Conforme a anunciação dos conceitos tratados até o momento, pode-se questionar de que modo as experiências das pessoas negras se fazem presentes na construção de um projeto sociopolítico, nomeado CRAB, dentro da cidade de Porto Alegre, entre 1987 e 2010? Que lugares epistêmicos foram construídos por essas pessoas nesse tempo e espaço?

⁵ Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”.

A partir das abordagens teóricas apresentadas, busco estar mais próximo de outro território epistêmico, o pensamento afrodiaspórico, exercitando o que nos propõe Abdias Nascimento (2019), ou seja, “codificar nossa experiência por nós mesmos”. Tal território faz um deslocamento nos modos de pensar a humanidade, conforme o apontamento seguir:

Investigaremos aqui, direcionando nosso modo de pensar para um “Sul” – sairemos desse local Norte como bússola valorizadora, não mais Europa e Estados Unidos como eixos referenciais, bem como a figura do Homem Branco, jovem, heterossexual como modelo civilizatório (PONTES, 2017, p. 60).

A filósofa Katiúscia Ribeiro Pontes (2017), ao defender um outro lugar epistêmico, afrocentrado, contra-hegemônico para as nossas produções, soma-se aos esforços das organizações negras que sempre pautaram a educação e o ensino das histórias e culturas africanas e da diáspora nos seus projetos políticos. Eu, enquanto sujeito neste lugar do saber até então legitimado pela sociedade, seguirei suleando a pesquisa.

Metodologicamente, coloquei-me diante do desafio de que a documentação sobre o fenômeno investigado ainda parecer ser pouca ou pouco reunida em lugares de guarda oficiais, porém a memória é muita e está posta nos formatos orais que a ancestralidade negra expressa por excelência. Por isso, no caso dessa investigação, optei basicamente pela associação entre momentos de entrevistas abertas, com primazia da oralidade, e momentos de análise de revisão documental e bibliográfica, sejam elas acadêmicas (em bancos de dados), ou próprias dos movimentos sociais (imprensa negra, livros, materiais didáticos), dentro dos pressupostos da abordagem qualitativa da pesquisa em Educação.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros compõem o repertório da herança africana embarcada para o Brasil, e será através da Oralidade, da escuta, que iremos nos deter para a coleta e análise dos objetivos deste trabalho. Desejei construir um caminho metodológico para a reconstrução e valorização das narrativas dos povos africanos a partir de suas próprias visões e epistemologias. A seguir destaco como se fez esse traçado investigativo.

2. TRACADOS DE COMO SE FEZ A INVESTIGAÇÃO

No caminho de feitura da pesquisa, destaco minha opção por escrever a partir da ideia de que “*as ruas abrigam malandros encantados que quase ninguém vê*” (SIMAS, 2019, p. 17). Reitero que o lugar epistêmico construído pelas pessoas negras nos processos de investigação dentro da academia produz desestabilizações individuais e comunitárias, pois se faz a partir do movimento da diáspora africana e dos pensamentos originais nela produzidos. Tais pensamentos são contra hegemônicos ou contra colonialistas (SANTOS, 2015), uma vez que as instituições superiores de produção e chancela do conhecimento são marcadas pela branquitude e pela manutenção de seus privilégios (BENTO, 2002).

O desenho investigativo que propus para a realização desta pesquisa desejou criar maneiras de ver, valorizar e interpretar a ação do coletivo negro porto-alegrense nomeado CRAB, a partir da colaboração investigativa dos sujeitos que nele foram individualmente engajados. Esses homens e mulheres, hoje mais velhos, alguns até já não mais entre nós, foram e são como “malandros encantados que ninguém vê” (SIMAS, 2019, p. 17). Talvez possamos dizer que a cidade hegemônica não os vê, mas eles produzem a cidade de forma intensa e, ao mesmo tempo, são totalmente vistos pelos seus. Há, portanto, uma invisibilidade relativa à branquitude. Desejamos, com o estudo, que eles sejam vistos na grandeza de seus saberes e valores, construtores de lugares epistêmicos (PONTES, 2017) na qualidade de pessoas negras em movimento (GOMES, 2017). O valor civilizatório do comunitarismo, já destacado a partir de Abdias Nascimento (2019), é fundamental para a análise do tema em estudo, pois o coletivo se coloca numa relação de relação direta com as ações dos indivíduos. Estar junto e lutar para manter as pessoas negras juntas, com seus saberes e valores, é uma forma de re-existir diante do projeto colonialista de integrar socialmente sem conservar a singularidade e a pluralidade das existências diversas.

Destaco que a metodologia foi construída com esse desejo: visualizar positivamente e valorizar as ações dos sujeitos da pesquisa, também atores sociais em seus tempos e espaços, no contexto da construção do CRAB em Porto Alegre. O estudo propõe elaborar o cruzo de ideias político-educativas (aqui compreendidas como lugares epistêmicos) a partir de uma agremiação negra de Porto Alegre, capaz de congrega distintas pessoas em organizações do Movimento Negro (MN) da cidade, nas décadas de 1990 e início dos anos 2000 – o CRAB. O CRAB é responsável, dentro dos agenciamentos do Movimento Negro, pela consolidação da monumentalização de territórios sagrados para a comunidade negra da cidade. Esses monumentos se consolidam como territórios negros demarcados através de políticas públicas

da cidade, com investimentos financeiros do *Projeto Monumenta* no *Museu do Percurso do Negro* e no *Percurso de ônibus Territórios Negros: afro-brasileiros em Porto Alegre*.

Metodologicamente, estava diante do impasse da pandemia, agravada pelo fato de que a documentação é pouca e a memória é muita. No caso dessa investigação, opto basicamente pela associação entre momentos de entrevistas abertas, com primazia da oralidade, e momentos de análise de revisão documental e bibliográfica, sejam elas acadêmicas (em bancos de dados), ou próprias dos movimentos sociais (imprensa negra, livros, materiais didáticos), dentro dos pressupostos da abordagem qualitativa da pesquisa em Educação.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros⁶ compõem o repertório da herança africana embarcada para o Brasil, e será através da Oralidade, da escuta, que irei me deter para a coleta e análise dos objetivos deste trabalho. Para Asante (2009) e Ramose (2011) essa metodologia aponta para um resgate das narrativas dos povos africanos para a libertação dos sujeitos, posse da sua própria história além de construção e produção de suas próprias narrativas.

A metodologia de pesquisa é de abordagem qualitativa (GOLDENBERG, 2004) e combina análise documental, revisão bibliográfica e entrevistas abertas em perspectiva compreensiva (SILVA, 2006). A entrevista compreensiva pressupõe a compreensão da linguagem como pressuposto da comunicação, admitindo o conjunto de significações nela colocados, que ultrapassam os conceitos e possibilitam a base necessária no tratamento do objeto de estudo. Compreender a emissão de significados colocados numa expressão exposta através de uma entrevista exige do pesquisador uma posição importante de escuta. Nessa posição de escuta está o caminho aberto à reinvenção da própria análise, dentro do processo de desenvolvimento do trabalho, a partir de uma tríade constante construída na relação entre o pesquisador, os sujeitos/atores e as referências teóricas que apoiam o estudo.

A metodologia que busca a abordagem qualitativa e aposta na comunicação dialógica (FREIRE, 1996) atinge seu sentido somente dentro do quadro de questões em que se move uma investigação. Nesse sentido, a seguir, sistematizo as problematizações, os objetivos e os procedimentos da pesquisa empregados.

Problema central: Como os protagonismos das pessoas negras se fazem presentes na construção do projeto sociopolítico nomeado CRAB, no final do século XX e início do século XXI, na monumentalização de territórios negros da cidade de Porto Alegre?

⁶ Conforme professora Azoilda Loretto da Trindade compõem o repertório dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros a circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, energia vital (axé) e a oralidade.

Ou seja, a existência prática do CRAB pode ser compreendida como cruzo entre ideias político-educativas a partir de uma agremiação negra de Porto Alegre?

Objetivo geral: Analisar como os protagonismos das pessoas negras se fazem presentes na construção do projeto sóciopolítico nomeado CRAB, no final do século XX e início do século XXI, na monumentalização de territórios da cidade de Porto Alegre.

Objetivos específicos:

1. Historicizar as ações do CRAB ao congregar distintas pessoas negras em movimento e agremiações do Movimento Negro sul-rio-grandense.

2. Compreender as relações do CRAB, como agremiação do Movimento Negro porto-alegrense, com o Estado, na construção de ações educativas e de políticas de monumentalização de territórios negros na cidade de Porto Alegre.

3. Descrever e destacar o protagonismo negro nas ações educativas originais construídas pelas pessoas envolvidas com o CRAB na temporalidade definida como final do século XX e início do século XXI.

Procedimentos de pesquisa:

Na perspectiva da abordagem qualitativa destaco três procedimentos para a construção da dissertação resultante do processo investigativo: entrevistas abertas, análise documental e revisão de literatura acadêmica. A seguir, a proposta de concretização dos procedimentos metodológicos:

a) **Análise documental:**

A análise documental foi compreendida dentro da acepção dos estudos científicos no campo das Ciências Humanas, como produção de conteúdo e discurso subjetivos, passível de interpretação de sentidos (GOLDENBERG, 2004). Tal compreensão nos levará à busca e compilação de documentos do CRAB, guardados em acervos pessoais dos entrevistados. Tivemos acesso a alguns materiais como na citação de exemplo abaixo:

Documentos:

- CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRO. **Cadernos do CRAB**. Porto Alegre: Ministério da Cultura; Fundação Cultural Palmares; Prefeitura Municipal de Porto Alegre/Coordenação de Direitos Humanos e Cidadania, 2001.

- Projeto de Criação CRAB (documento remetido ao Exmo. João Alcir Verle M. D. Prefeito da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em 09 de Maio de 2002).

- Projeto para a realização do 3º Seminário do Centro de Referência Afro-brasileiro 2001.

- Diretrizes para um Programa Democrático Popular e Anti-Racista (Integrou o programa da segunda gestão do Governo da Frente Popular do Partido dos Trabalhadores em Porto Alegre 1993).

b) **Entrevistas abertas:**

Além de analisar documentos chave que constituem a história do CRAB, fiz a observação da prática e escuta dos modos de agir, pensar e se relacionar, entre si e com a cidade, dos militantes do Movimento Negro que o integraram. O estudo foi guiado pela teoria das práticas e invenções cotidianas referendadas em metodólogos do campo das Ciências Humanas (GOLDENBERG, 2004). A entrevista compreensiva, contemplativa da oralidade desenvolvida pelos sujeitos colaboradores da pesquisa, é a base desse estudo e está ancorada no entendimento proposto por Jean-Claude Kaufmann (2013).

Os sujeitos colaboradores da pesquisa são representantes de coletivos que se agruparam para formar o CRAB, entre eles o grupo Angola Janga e a MOCAMBO-Associação Comunitária Amigos e Moradores do Bairro Cidade Baixa e Arredores. Foram projetadas três entrevistas com militantes do Movimento Negro no recorte temporal da pesquisa e dois agentes do estado, naquele momento, da Secretaria de Cultura e da Secretaria de Educação. Assim, os critérios de escolha dos sujeitos foram relativos ao contato com esses coletivos e a busca de pessoas que participaram do CRAB.

O GT Angola-Janga foi a entidade negra coordenadora-executiva do Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre, sob reivindicação da comunidade negra da cidade e da proposta elaborada pelo CRAB. O CRAB foi responsável por congrega a militância negra da

cidade e agentes públicos do município e do estado através de três seminários que aconteceram em 1998, 1999 e 2001, além de uma Pré-Conferência do Povo Negro no ano 2000. Por meio de painéis, palestras e oficinas, foram debatidas as necessidades do povo negro diante da sociedade rio-grandense.

A seguir a lista das pessoas que concederam entrevista, realizadas via plataforma online *Google Meet*, com uma breve descrição das mesmas e a data do diálogo:

Adriana Conceição Santos dos Santos, Professora, integra o funcionalismo público nas cidades de Porto Alegre e Gravataí. Foi Assessora Pedagógica de Relações Étnicas da SMED/POA. É consultora da UNESCO para as relações étnico-raciais. Atualmente ocupa a Coordenação de Igualdade Racial no município de Porto Alegre. Entrevista concedida em 22/02/2021.

Ivan Braz da Conceição - Tecnólogo em Gestão Pública (Administração) (ULBRA/RS); Gerente de Projetos - Escola Nacional de Administração Pública (ENAP/DF); Experiências no setor público: Diretor de Indústria e Comércio- Prefeitura de Sapucaia do Sul; Gerente de Projetos - do Gabinete da Presidência da República (SEPP/PR); Secretário Municipal de Segurança e Trânsito - Prefeitura de Sapucaia do Sul; Assessor Técnico - Gabinete do Governador, (CONSELHÃO) Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social – (SECDES/RS). Assessor Técnico Superior - Secretaria Infraestrutura e Logística RS; (SEINFRA). Outras Informações: Vice Presidente da Associação Comercial e Industrial e Serviços de sapucaia do Sul-RS (ACIS); Foi representante não governamental no Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale dos Sinos (COREDE/VS); Líder comunitário com atuação nos movimentos Ambientais, Culturais e Étnicos de Sapucaia do Sul, RS e Brasileiro; É membro do Grupo de Trabalho Angola Janga/RS; Foi membro da Coordenação Nacional de Entidades Negras, (CONEN); Militante do Movimento Negro Gaúcho e Brasileiro desde 1985; Gerente de implantação da IV Etapa do Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre. Atualmente integra a União dos Negros pela Igualdade (UNEGRO), a Frente Negra Gaúcha e Secretário Geral da Associação Satélite Prontidão. Entrevista concedida em 11/02/2021.

Manoel José Ávila da Silva, 59 anos, foi Assessor Pedagógico de Relações Étnicas da SMED/POA (2007-2011). Atualmente é professor de história na rede municipal de ensino em Porto Alegre nas escolas Antônio Giúdice (EJA) e João Goulart e integra o coletivo de

professoras e professores negros do município de Porto Alegre. Entrevista concedida em 12/02/2021

Maria Elaine Rodrigues Espíndola, mulher negra e ativista social. A mestra atua na liderança da MOCAMBO e possui reconhecimento como Griô (refere-se à condecoração, por política pública ou não, relativa aos saberes da oralidade dos descendentes de africanos no Brasil) pelo Projeto Museu Percurso do Negro/Centro de Referência Afro-brasileira/Programa MONUMENTA (2009) e pela Câmara Municipal de Porto Alegre (2010). Professora aposentada, é filha de Mariazinha, fundadora da Ala Verde Que Te Quero Rosa da Escola de Samba Praiana. Milita em diferentes espaços políticos e culturais porto-alegrenses, tais como: Orçamento Participativo, Associação de Remanescentes de Quilombos, Programa Quilombolas em Rede, Conselho local de saúde, Piquete O Mocambo dentro do Acampamento Farroupilha de Porto Alegre e Conselheira do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (*CODENE/RS*). Atua nas atividades de extensão e ensino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como Mestra Griô, destacadamente na disciplina Encontro de Saberes, Porto Alegre. Entrevista concedida em 22/06/2021.

Pedro Rubens Vargas é graduado em História e Administração e mestre em Planejamento Urbano e Regional, com pós-graduação em Museologia. Foi membro do Projeto Monumenta e PAC das Cidades Históricas; é um dos 90 idealizadores do Museu de Percurso do Negro e, com a antropóloga Michele Cirne, autor do projeto junto à Petrobras Cultural que possibilitou o registro da Tradição Bará do Mercado como Patrimônio Imaterial da Cidade. Autor do livro "A relação patrimonial" na restauração de bens culturais - o Mercado de Porto Alegre e os caminhos invisíveis do negro. Atualmente é Técnico de Cultura da Secretaria Municipal da Cultura. Entrevista concedida em 11/02/2021.

Veneza Bittencourt, Profissional de trabalhos domésticos. Atualmente é Presidente do Grupo de Trabalho Angola Janga. Dona Veneza é viúva de José Alves Bittencourt, o Nego Lua. Entrevista concedida em 22/06/2021.

Optei por manter em anexo os Instrumentos de pesquisa como o roteiro da entrevista (APÊNDICE A) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). O entrelaçamento da escuta dos atores sociais e da leitura da documentação me faz apresentar, na sequência a historização possível das ações do CRAB ao congregar distintas pessoas negras em movimento e agremiações do Movimento Negro sul-rio-grandense.

3.0 CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRA (CRAB) EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: CONGREGAÇÃO DE DISTINTAS PESSOAS NEGRAS EM MOVIMENTO E GRUPOS DO MOVIMENTO NEGRO SUL-RIO-GRANDENSE

Dedico-me à narrativa acerca dos movimentos contidos na criação e desenvolvimento do projeto coletivo que é o fenômeno em análise: o CRAB. Para isso, desvelo minha concepção da noção de Movimento e sigo historicizando as ações do CRAB ao congregar distintas pessoas negras em movimento e agremiações do Movimento Negro sul-riograndense. Opto por fazer essa narrativa entrelaçando as fontes documentais e as conversas/entrevistas com as pessoas envolvidas no processo com conceitos construídos por referências de estudo, tais como o conceito de tempo espiralar de Leda Martins (2002) que me inspira a pensar o *Movimento Espiralar*. Os estudos sobre os aspectos *Quilombolas* e *Comunitários*, apresentados por Beatriz Nascimento(2021) e a proposta *Quilombista* de Abdias do Nascimento(2019) percorrem a construção desta produção.

3.1.MOVIMENTO ESPIRALAR E DEFINIÇÕES DE MOVIMENTO NEGRO

Ao inaugurar esta produção ou elaboração intelectual, dedicarei algumas linhas a um incipiente exercício ontológico no que diz respeito à denominação *Movimento(s) Negro(s)*.

Quando leio a palavra Movimento, de imediato ela me remete a alguns sentidos como, por exemplo, passos e deslocamentos, algo em trânsito. Quem dá um passo se movimenta, e quem se movimenta, por consequência, se desloca. Lembremos de uma criança ao dar os primeiros passos, ela se impulsiona, engatinha, se equilibra apoiada em algumas coisas e arrisca alguns passos até ter a segurança de se desprender de algo ou uma pessoa e caminhar sozinha. Cair e levantar, se deslocar novamente, retomar etapas anteriores, e depois correr, andar mais rápido, pular e inúmeras outras descobertas irão surgir através do seu corpo ao se deslocar. Arranhões, fraturas e feridas, cuidados, manutenções e abastecimentos, também farão parte das vivências desse corpo. Por tanto, movimentar-se envolve riscos, descobertas e marcas durante a progressão. Envolve um processo de transformação, é parte de um processo educativo.

Junto a proposta mais racional de movimento, trago também a percepção na dimensão cósmica que julgo se fazer presente nas coletividades negras do continente Africano e na diáspora nas Américas, sobretudo no Brasil, a partir de uma das qualidades do orixá Exu, do qual falaremos mais adiante. Porém, o aspecto a ser destacado e que se soma na construção do

movimento espiralar são as descrições sobre a dinâmica de Exu Òkótó, apresentadas pela antropóloga Juana Elbein dos Santos:

O òkótó representa a história ossificada do desenvolvimento do caracol e reflete a regra segundo a qual se deu o processo de crescimento; um crescimento constante e proporcional, uma continuidade evolutiva de ritmo regular. O Òkótó simboliza um processo de crescimento. O òkótó é o pião de apoio – rola “espiraladamente” abrindo-se a cada revolução, mais e mais, até converter-se numa circunferência aberta para o infinito (cume oco) (SANTOS, 1986, p. 133).

A analogia acima pode ilustrar adequadamente a noção de movimento que concebo nesta escrita, pautada pela ideia de processo na qualidade de *unidade no tempo do fenômeno* (NASCIMENTO, 2021), cuja reinvenção e transformação são seus propulsores. Para Beatriz Nascimento (2021) há uma continuidade manifesta nas maneiras de viver dos povos africanos da América que pode ser pensada a partir da experiência comunitarista quilombola. Para a autora, isso se expressa, então, quando:

[...] eles apoderam-se da cidade, reproduzindo o modo dos antigos quilombolas, tornando-se, como aqueles, visíveis ao regime. Fazendo deste um espaço descontínuo no tempo, em que as “frinchas” provocam linhas de fuga e são elementos de dinamização que geram um meio social específico. Assim se dava com os quilombos e seus similares ao longo da história da América. Assim se dá hoje com os grupos negros ou afro-americanos (NASCIMENTO, 2021, p. 251).

O CRAB é aqui analisado como um grupo do Movimento Negro sul-rio-grandense, em perspectiva histórica, fazendo-se acontecer num espaço descontínuo no tempo, dinamizando a sociedade em que insere, estruturada pelo racismo e pelas assimetrias nas relações do ponto de vista racial. Trata-se de uma iniciativa para disputar poder político na sociedade local, que se desloca e se transforma na medida das disputas internas e externas ao grupo.

A transformação é uma categoria fundamental àqueles que se dedicam aos estudos históricos ou antropológicos, especialmente quando em comum há o desejo de pensar a tradição, o poder político e as assimetrias sociais. Balandier (1976), ao estudar as dinâmicas sociais e pensar as sociedades em mudança, considera que o fenômeno político se articula com o social, num contexto em que fatores de manutenção e de transformação se confrontam e criam movimentos contínuos. Nesse processo, a tradição não se faz pela estagnação, mas pelo movimento.

Muito escutei de uma das colaboradoras deste estudo, Mestra Elaine⁷, a ideia de que seus passos vêm de longe e estão conectados com sua comunidade e ancestralidade, o que igualmente me remete a importância do deslocamento que se faz ao andar. Mestra Elaine igualmente instaura a provocação que transborda em minha reflexão, relativa ao fato de que a designação de movimento organizado é exógena, embora importante para o reconhecimento pela comunidade externa, não negra, da existência das ações comunitárias em que ela atua.

Leda Maria Martins (2002) em seu artigo *Performances do Tempo Espiral*, tem como objeto de análise os rituais das congadas mineiras, manifestações afrocatólicas, de matriz banto, presentes no Brasil desde o período colonial. Martins entende que o corpo e a voz, através da performance, inscrevem no espaço ritual a memória e a ancestralidade, produzindo um saber, o que ela denomina de *Orality*.

No entanto, o aspecto a ser destacado e agregado nesse exercício diz respeito à noção de *Tempo Espiral*, a manifestação de um repertório de ações afro-diaspóricas constituindo no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir (MARTINS, 2002). Articula isso com a ideia de movimento que se faz num *tempo espiral* repleto de uma percepção de mundo negro-africano.

Essa percepção de mundo negro-africano e diaspórica nas Américas se constituem principalmente nas coletividades negras, onde os vivos e os invisíveis junto a outros elementos como os da natureza e de ritualização da vida compõem o seu modo de ser e estar. O passado servindo de inspiração, o presente de respiração e o futuro de aspiração.

Essa percepção cósmica e filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação (MARTINS, 2002, p. 84).

⁷ Maria Elaine Rodrigues Espíndola, mulher negra e ativista social. A mestra atua na liderança da MOCAMBO e possui reconhecimento como Griô (refere-se à condecoração, por política pública ou não, relativa aos saberes da oralidade dos descendentes de africanos no Brasil) pelo Projeto Museu Percurso do Negro/Centro de Referência Afro-brasileira/Programa MONUMENTA (2009) e pela Câmara Municipal de Porto Alegre (2010). Professora aposentada, é filha de Mariazinha, fundadora da Ala Verde Que Te Quero Rosa da Escola de Samba Praiana. Milita em diferentes espaços políticos e culturais porto-alegrenses, tais como: Orçamento Participativo, Associação de Remanescentes de Quilombos, Programa Quilombolas em Rede, Conselho local de saúde, Piquete O Mocambo dentro do Acampamento Farroupilha de Porto Alegre e Conselheira do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (CODENE/RS). Atua nas atividades de extensão e ensino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como Mestra Griô, destacadamente na disciplina Encontro de Saberes, Porto Alegre.

Logo, a temporalidade progressiva e cronológica ocidental, construída pelos homens, não dá conta das experiências negras que se reinventam em seu cotidiano. O mundo cartesiano fracionou e segmentou tudo o que pôde, atribuindo signos e valores negativos e inferiores a tudo e todos diferentes de si, o homem branco, judaico-cristão de matriz europeia, supostamente o único capaz de promover a civilização universal.

O Professor Manoel José Ávila da Silva, que esteve presente nas reuniões do Conselho Gestor enquanto representante da Secretaria Municipal de Educação – SMED, nos descreve a experiência do ambiente em que os encontros aconteciam e nos remete à percepção proposta a partir das dinâmicas dos encontros, do diálogo e a expansão do conhecimento.

É o lugar de conhecimento, de produção de conhecimento, é um lugar de pedagogização assim, de educação... em todos os sentidos. Da educação patrimonial aos modos de como sentar à mesa. Tá tudo ali posto naquela situação ali, de civilidade né, de discussão sobre a civilidade sobre a possibilidade de convivência na cidade, nos espaços da cidade. Se a gente pudesse pensar para além de uma reflexão racional, mas imaginal, o que que reuniões ou o que que situações como o CRAB proporcionaram, né?! Tem lá a institucionalização, mas essa coisa assim que é pouco mensurável no sentido mais racionalista né, mas é que faz parte de uma coisa que enfim, talvez a gente sempre desejasse isso, deseje sempre quando pensa numa reunião desse tipo, quando pensa numa institucionalização desse tipo né? Que ele produza antes, e acima de qualquer coisa, esses modos de civilidade assim, essa possibilidade de convivência e, por tanto, dessa troca de saberes, dessa produção de conhecimento, do modo de produzir conhecimento mesmo e expandir esse conhecimento (Manoel José Ávila da Silva. Entrevista concedida em 12/02/2021).

Ajusto o conceito de *tempo espiralar* que Martins utiliza para analisar as performances artísticas afro-diaspóricas, neste caso através do CRAB em Porto Alegre, e “transportá-lo” para o que se entende por Movimento Negro. Defendo a condição mais ampla do que é esse movimento, vindo desde as práticas mais remotas do período colonial e não apenas a partir do advento da república, como defende o historiador Petrônio Domingues (2007) ao se referir apenas como um “*movimento político de mobilização racial (negra)*”. O professor Petrônio tenta demonstrar em seu artigo que “em todo período republicano, esse movimento vem empreendendo, dinamicamente, diversas estratégias de luta a favor da população negra” (DOMINGUES, 2007, p. 101), o que não é descartado por esta produção que tem como foco justamente os anos finais do século XX e os considera de intensa relevância. Porém, estabelecer que as “estratégias de luta a favor da população negra” só se efetivaram a partir do regime republicano, seria descartar todas as dinâmicas de grande potencial pedagógico e o estabelecimento, inclusive, de gramáticas não normativas que os negros e negras produziram desde o século XVI, e que inspiram as coletividades negras e ainda sobrevivem no Brasil.

Embora a análise historiográfica não esteja descartada, pois o estudo cria também uma historização de uma ação do movimento negro local, minha ênfase é na perspectiva da educação, referenciado pela obra de Nilma Lino Gomes (2017) e no que temos defendido como *peessoas negras em movimento* na cidade de Porto Alegre a partir das suas instituições e protagonismos.

Diante desse paradigma, é possível afirmar que isso só ocorre porque estas pessoas negras foram afetadas ou educadas para imprimir tais ações, seja para educar a si ou a cidade. Sustento esta afirmação no argumento de Joel Rufino dos Santos (1994), que diz:

[...] todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros [...]. Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e “folclóricos” – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro. (SANTOS, 1994, p. x)

O aquilombamento é um modo de agir próprio da diáspora africana no Brasil e se revela nas escritas de Beatriz Nascimento, no projeto quilombista de Abdias Nascimento e na pluralidade de experiências, dentre as quais se destaca a que aprecio neste estudo, o CRAB.

Parto da premissa de que as ações ocorridas ao longo do tempo, forjadas a partir da diáspora africana e que sempre se opuseram ao *status quo* anti-negro (violência, discriminação, racismo, genocídio) operada quase com total sucesso pelo colonialismo, tiveram e têm a presença da percepção cósmica e filosófica africana. Tal pressuposto me leva muito provavelmente à possibilidade de afirmar que não somente as performances culturais negras, mas as organizações coletivas e/ou ações de mobilização políticas raciais também se inscrevem no espaço praticado da memória e da ancestralidade.

O Movimento Social Negro na contemporaneidade é um agente educador e um ator político que “produz, constrói, sistematiza e articula saberes emancipatórios” (GOMES, 2017, p. 38), é um movimento de base ancestral, pois suas reivindicações não surgem apenas na segunda metade do século XX, mas durante todo o histórico da formação da sociedade brasileira. “O Movimento Negro ressignifica e politiza a raça, compreendendo-a como construção social. Ele reeduca e emancipa a sociedade e a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana” (GOMES, 2017, p. 38)

Tal como os símbolos Adinkras, criados pelos povos Akan, presentes em Gana, Costa do Marfim e no Togo, países da África do Oeste. Os Adinkras constituem um sistema de escrita pictográfica e de ideias comprometidas com a preservação e transmissão de valores fundamentais.

Um dos adinkras mais conhecido é o Sankofa, representando por um pássaro olhando para trás. O Sankofa representa o desafio humano de retomar e aprender com o passado (esquecido e negado), para transformar o presente e avançar no futuro.

Sankofa inspira a compreensão do devir negro como aquele que se constitui com os mortos (invisíveis), os vivos e os que ainda virão. Igualmente me motiva a conceber a categoria de *movimento espiralar* que se materializa, no aprendizado daqueles que vieram antes de nós, dos que estão vivendo o presente e inscrevendo o que foi e o que é. O CRAB é um fenômeno que compreendo como parte do *movimento espiralar*.

Os valores fundamentais presentes neste adinkra me fazem esperar um futuro mais ameno diante das iniquidades e assimetrias que constituem a sociedade racista e capitalista desde onde escrevo minha dissertação, capaz de ceifar parcialmente o modo de ser e de estar dos descendentes de africanos a partir da diáspora no Rio Grande do Sul/Brasil.

3.2.A HISTÓRIA DOCUMENTADA E CONTADA: O CRAB EXISTIU?

Ao ouvir duas mulheres de agremiações distintas encontrei afirmações latentes que apontavam declarações como “mas o CRAB não chegou a existir”. Tal afirmação desestabilizou minha busca e escuta. Mas compreendi que o CRAB é um projeto e que sua existência não é um projeto de indivíduos que fazem escolhas racionais, mas de atores em interação que agem dentro de suas possibilidades e condições de seleção.

Para historicizar as ações do CRAB ao congregar distintas pessoas negras em movimento e agremiações do Movimento Negro sul-riograndense, ressalto que compreendo a existência do CRAB como materialidade projetada e transformada dentro das condições reais que se apresentaram. O Centro foi desejado como espaço físico capaz para reunir as distintas agremiações do MN em Porto Alegre, construído na relação com o Estado através da administração municipal. Transformou-se no movimento de ações e interações na materialização de políticas de monumentalização de territórios negros na cidade de Porto Alegre através do Projeto Museu do Percorso do Negros.

A ideia do que viria a ser o CRAB de maneira mais concreta começa a se manifestar já

em 1993, quando entra como diretriz do Programa de Governo da Frente Popular em Porto Alegre. As “Diretrizes para um programa democrático, popular e anti-racista” foi um documento apresentado à candidatura de Tarso Genro e Raul Pont, no segundo mandato do Partido dos Trabalhadores. Assinado por quatorze pessoas, destacamos alguns nomes, dentre eles Jorge Euzébio Assumpção, Vera Regina Triumpho, Neuza Santos, José Alves Bitencourt entre outros e destacamos a diretriz de número 2 que apresentava a seguinte proposição.

É preciso gerar uma visibilidade global para o enfrentamento do racismo e de todas as formas de segregação. É preciso politizar este combate e disputar toda ação de governo e toda a sociedade para superarem a si mesmos. Do mesmo modo que foram criados foros gerais para o desenvolvimento de políticas de interesse de toda a cidade, devemos ter a iniciativa de convocar um FORO DE PORTO ALEGRE CONTRA A DISCRIMINAÇÃO EM DEFESA DA CIDADANIA, para funcionamento permanente, integrando aí desde os órgãos governamentais de diversos níveis quanto as entidades de setores discriminados (negros, mulheres, portadores de deficiência) e outros organismos da sociedade civil. Outras iniciativas, como a criação de um Museu do Negro, podem criar o impacto necessário para que a cidade possa voltar-se a esta questão e mesmo beneficiar-se direta e imediatamente por sua valorização. No mesmo sentido, como uma ação mais imediata, deve-se criar o “Espaço Zumbi” de cultura lá onde hoje é a senzala no Solar do Museu de Porto Alegre (Diretrizes para um programa democrático, popular e anti-racista).

A partir da segunda gestão da Frente Popular, em 1992, é criada a Assessoria Especial do Negro e da Mulher, ligada ao Gabinete do Prefeito, sob a gestão de Dilmair do Santos, até 1997. No terceiro mandato a Coordenação das Políticas Públicas para o Povo Negro, de 1997 a 2001, tem sob sua gestão José Alves de Bitencourt.

Durante este terceiro mandato é estabelecida parceria com a Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social e Conselho de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Negra do Rio Grande do Sul/STCAS-CODENE/RS⁸ e a construção do “Projeto de Criação do Centro de Referência Afro-Brasileiro/CRAB” em parceria também com a sociedade civil e Prefeitura Municipal de Porto Alegre. De acordo com Iván Bráz: “[...]o lugar institucional, é, seria o Centro de Referência Afro-Brasileiro, o CRAB, que desembocaria

⁸ O CODENE/RS foi criado pelo Decreto 32.813, de 04 de maio de 1988, no governo de Pedro Simon (PMDB), fruto da articulação e organização de um grupo de pessoas do movimento negro, que propuseram a criação de uma instituição vinculada ao Governo Estadual, com a missão de combater o racismo, discriminação e preconceitos sofridos pelos negros gaúchos. É um órgão vinculado ao Governo do Estado, especificamente à Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social, através do Departamento de Cidadania, formado por uma diretoria composta por Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Secretário Executivo e Tesoureiro. Para concretizar os objetivos do Conselho do Negro, o governo deveria desenvolver ações próprias ou em conjunto com outros segmentos da sociedade civil e outras instâncias do Estado e até do governo federal, através de programas, projetos, estudos, investigação, seminários, intervenções diversas. Sua finalidade é consultar, deliberar, defender, desenvolver, apoiar, propor e atingir uma emancipação legítima e participativa da comunidade negra em todos os âmbitos. O Conselho do Negro é paritário, formado por tantas Secretarias, quantas são as instituições da sociedade civil, cabendo ao Governo do Estado nomear os integrantes das Secretarias (ADÃO, 2002).

num conjunto de outras ações, foi pensado sobretudo por esses que tiveram relação com instucionalidade aí no início dos anos 90, quando o PT chega na Prefeitura de Porto Alegre” (Iván Braz. Entrevista concedida em 11/02/2021).

Destacamos os itens iniciais do projeto, que teve parcialmente suas demandas atendidas pelo Orçamento Participativo.

1. Viabilização da instalação do CRAB em espaço físico apropriado, seja através de cedência de espaços ou da construção de novos espaços, adequados aos princípios, às finalidades, aos objetivos e às metas que consubstanciam o projeto CRAB;
2. Desenvolvimento de ações contínuas que garantam a sustentabilidade econômica e social do processo de construção do CRAB;
3. Instituição do CRAB como estrutura autônoma e representativa da etnia negra, instituição de direito privado, instituída pelo poder público, sem fins lucrativos, cujo patrimônio seja de caráter semi-público e semi-privado com possibilidade de estabelecer parcerias através de convênios, termos de acordo e outros instrumentos, com o governo Estadual e Municipal, além da União e Terceiro Setor;
4. Viabilização da estrutura de gestão do CRAB, sob forma de colegiado, com a participação de órgãos dos governos estaduais e municipais e de representantes dos segmentos religiosos, culturais, políticos, sociais, educacionais, acadêmicos, ecológicos, comunitários e de outras instituições formadas por afro-descendentes e/ou voltadas para a resolução da questão negra no Brasil;
5. Cedência, em caráter emergencial, de instalações que funcionem como escritório do CRAB na etapa de planejamento do Projeto;
6. Assessoramento técnico e jurídico à comissão signatária do presente encaminhamento, para que o projeto seja dimensionado em seus aspectos econômico-financeiros, legais e materiais;
7. Desenvolvimento, a curto e médio prazo, de estratégias de natureza material e financeira que permitam à sociedade civil dar continuidade às ações implementadas, através de medidas multiplicadoras, lançando-as a uma intervenção de caráter político mais amplo e efetivo, abrindo espaço para a inclusão do Projeto como pauta dos eventos e atividades sócio-culturais desenvolvidas pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre;
8. Apoio aos gestonamentos das entidades da sociedade civil comprometidas com a construção do CRAB tendo em vista a obtenção de recursos

técnicos, materiais e financeiros originados de instituições governamentais e não-governamentais, nacionais e/ou internacionais;

9. Apoio à constituição do corpo técnico e administrativo para atuar nas áreas de ação do CRAB.

Nota-se, a partir destes itens, a dinâmica de uma complexa estrutura que compunha a manutenção do que seria a instituição do CRAB. Ao que nos parece, seria uma instituição com status de secretaria, dando conta dos mais variados aspectos da comunidade negra porto-alegrense.

É muito provável que esse “status” tenha agregado grande parte da militância, inicialmente disposta a construir o Centro de Referência Afro-Brasileiro, como podemos perceber na listagem abaixo que conta com 179 participantes na sua construção.

CONSTRUTORES DO CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRO/RS

ADÃO COSTA ● ADOLFO GIRÓ ● ADRIANA SANTOS ● ADRIANA PERDOMO ● AIRTO PEREIRA ● AIRTON DA SILVA ● ALEX PIRES DA FONSECA ● ALEXANDRE SILVA ● AMÉRICO SOUZA ● ANA LOPES ● ANA DOS SANTOS ● ANA DA SILVA ● ANA RODRIGUES ● ANDREA GOULART ● ANERON GOMES ● ANGELA DOS SANTOS ● ANGÉLICA MIRINÃ ● ANTÔNIO MACHADO ● ANTÔNIO FLORES ● ARLETE MAZZO ● ÁUREA COSTA ● CARLA PLÍNIO ● CARLA CAMARGO ● CARLOS MOURA ● CARLOS PINTO ● CARLOS NASCIMENTO ● CARLOS OSÓRIO ● CAROLINE DOS SANTOS ● CÁTIA PEREIRA ● CLÁUDIO RODRIGUES ● CLEA DA SILVEIRA ● CLEDI OLIVEIRA ● CLÓVIS SILVA ● CRISTIANE ESPÍNDOLA ● DANDARA DOS SANTOS ● DANIELA ESPÍNDOLA ● DEISE SILVEIRA ● DENIARA DOS SANTOS ● DENISE FLORES ● DENNIS LOPES ● DILMAIR DOS SANTOS ● DORA FERREIRA ● DORA OLIVEIRA ● DORVALINO FILIPPINO ● EDITE VIEIRA ● EDITH LIMA ● EDUARDO DA ROSA ● EDUARDO RAMOS ● EDUARDO RADOX ● ELISABETE RAMOS ● ÉRICO CARDOSO ● EVANDRO AGUIAR ● EVANDRO DE SENA ● EVERTON MARTINS ● FERNANDO BRAGA ● FLÁVIA CRUZ ● FLÁVIO NEVES ● FLÁVIO MENDES ● FLÁVIO DA SILVA ● FLAVIO RODRIGUES ● FLÁVIO DA COSTA ● FRIDA PRESS ● GABRIEL AMORIM ● GENARO FREITAS ● GIOVANE LESSA ● GLACI RIBEIRO ● GLACI VIEIRA ● GLBERTO DE ATAÍDE ● HELENA MACHADO ● IMAIHA PRADO ● IVONETE CARVALHO ● JANINE DUTRA ● JAYRO DE JESUS ● JEFERSON DA SILVA ● JOÃO MACHADO ● JOSÉ DOS SANTOS ● JOSÉ BITENCOURT ● JOSÉ DE LIMA ● JOSÉ JUVENAL GOMES ● JOSÉ. SILVA ● JOSÉ CARLOS ● JOSÉ MOREIRA ● JOSÉ DOS SANTOS ● JOSEFINA PAULA ● JUAREZ JÚNIOR ● JULIO CARVALHO ● JUREMA MARQUES ● LAURA ROCHA ● LEANDRO VIEIRA ● LESSANDRO LARA ● LETÍCIA DA SILVA ● LISIANE RIBEIRO ● LOURDES BETTECOUR ● LUCIA PEREIRA ● LUCIANA LEMOS ● LUCIANA SILVEIRA ● LUCIANO BRUNET ● LUCIO NEVES ● LUIS PIRES ● LUIS COELHO ● LUIS DA SILVA ● LUIS MENDES ● LUIS FREITAS ● LUIZ SOUZA ● MARCELO CORREA ● MARCIA BAUER ● MÁRCIO VARELA ● MARCO DA SILVA ● MARCO SOUZA ● MARCO DE MELLO ● MARCOS CARDOSO ● MARIA AVELAR ● MARIA ELAINE RODRIGUES ● MARIA GONÇALVES ● MARIA SANTOS ● MARIA CHALMES ● MARIA DOS SANTOS ● MARIA SILVEIRA ● MARIETA SOUZA ● MÁRIO CHAVES ● MARISA DA SILVA ● MARY GOMES ● MAURÍCIO MARTINS ● NEIVA DOS SANTOS ● NELCI ALVES ● NEUSA DA SILVA ● NEUSA GOMES ● NILMAR RIOS ● NILMARA DIAS ● NILO FEIJÓ ● NOEMI PORTO ● ODILON VIEIRA ● OLGA DA SILVA ● OLIVEIRA SILVEIRA ● OSCARLINDA PEREIRA ● PAOLA CARVALHO ● PAULO DA SILVA ● PAULO FURTADO ● PAULO SANTOS ● PEDRO VARGAS ● PETRONILHA SILVA ● RAFAEL RAMOS ● RAIMUNDO BARROS ● REGINA NOGUEIRA ● REGINA PARENTE ● REJANE DA ROSA ● RENATO SOARES ● ROBERTO OLIVEIRA ● RUDINEI PINTO ● RUI SANTOS ● SANDRA SILVEIRA ● SANDRO SANTOS ● SELMA DA SILVA ● SILVANA CONTI ● SIMONE DA COSTA ● SIMONE RIBEIRO ● SÔNIA RIBEIRO ● SUELI RAMOS ● SURAIÁ DE OLIVEIRA ● TEREZINHA DA SILVA ● UBIJARA CABELEIRA ● UBIRAJARA TOLEDO ● VALDECI TEIXEIRA ● VANDA DA SILVA ● VÂNIA PINTO ● VERA DA SILVA ● VERA DOS SANTOS ● VERA PLÍNIO ● VERA PONZIO ● VERA SOARES ● VERA TRIUNPHO ● WALDEMAR LIMA ● WALTER BOREL ● ZENAIDE DE CASTRO ● ZENÓBIA DE OZUS

Figura 1. Listagem das 179 pessoas construtoras do CRAB. Projeto de criação do Centro de Referência Afro-Brasileiro.

Com a demanda do Museu do Percurso do Negro, reconfigura-se a motivação do CRAB.

Conforme o “*Projeto para realização do 3º Seminário do Centro de Referência Afro-Brasileiro*”, em 2001, promovido e executado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em parceria com a Fundação Cultural Palmares e o Fórum de Articulação das Entidades Negras do Rio Grande do Sul, procuram demonstrar, através de antecedentes e justificativas, a trajetória desta instituição, o CRAB.

A justificativa para o CRAB está assim documentada:

O Centro de Referência Afro-Brasileiro dará sustentação para as motivações histórica, cultural, política, econômica, científica, artística, religiosa, ecológica, antropológica, e de meio ambiente, considerando que, devido à exploração simbólica e material a que foi submetido o Povo Negro, com reflexos diretos na desvantagem econômica, no denseraizamento cultural e na baixa-autoestima, é necessário contar-se com um espaço que privilegie nosso passado, emudecido pelo pensamento ocidental europeu dominante, mas que também tenha capacidade de contextualizar o presente e projetar o futuro. (CADERNOS, Crab, 2001)

Neste primeiro parágrafo da justificativa da proposta do CRAB, notamos a ênfase em “restaurar” o passado, contextualizar o presente e projetar o futuro, ou seja, o movimento negro exercitando a ação já citada do Adinkra Sankofa, o pássaro olhando para trás em busca de algo no passado para atuar no presente e possibilitar o futuro. Nuances do movimento espiralar aparecem em registros como:

A preocupação com o patrimônio imaterial deve se fazer presente, pois ele é parte representativa da cultura de qualquer etnia. O Centro de Referência Afro-Brasileiro será responsável pelo resgate e pela preservação da totalidade desse patrimônio, constituindo-se em fator de desvendamento, diante da invisibilidade material e imaterial a que foi relegada a contribuição africana em nosso Estado, propondo e gerando a adoção de políticas estatais que redimensionem adequadamente a participação do Povo Negro. (CADERNOS, Crab. 2001)

Tão logo, se constitui como ator responsável pelo “resgate e pela preservação” do patrimônio material e imaterial. O CRAB se ampara nos valores da memória e da ancestralidade para afirmar a existência dos seus descendentes africanos como partícipes da construção do estado (o passado) e ao se amparar nestes patrimônios, procura condicionar as suas ações no presente, não sem realizar o cruzo com os dispositivos do seu tempo para constituir, através das suas reivindicações, políticas públicas específicas em prol do seu grupo étnico-racial, tais como as já expostas acima.

A relação com o Museu do Percurso do Negro aparece nos diálogos a seguir, mostrando um limite na relação com o Estado:

Um das discussões, que eram sérias ali, é que a questão do CRAB, ela ficou a reboque do Museu. Isso era uma coisa que doía muito para o pessoal que idealizava o CRAB desde os anos 90. Era uma questão muito dolorida. Ah, mas o museu de percurso ele é maior que o CRAB?! Ele superou, o que era pra ser o filho, se tornou uma outra coisa, outra referência. Ele era para ser um dos projetos do CRAB. Só que o CRAB, foi muito complicado. Eu lembro que ele precisava de uma sede física, mas aí precisava que a prefeitura, o Estado cedesse. Eu lembro que eu acompanhei o pessoal em algumas dessas ofertas de sede para escritório. [...] estava se negociando um lugar, mas o próprio movimento tinha dificuldade de organização para gerir o CRAB [...]. Então, mas eu acho assim, eu acho que o CRAB ficou à deriva. Realmente todos os militantes mais antigos, eles sempre relacionam o Museu com o CRAB. Ah, o Museu do CRAB, diziam. Mas na prática mesmo, a ideia original do CRAB mesmo, ela não se configurou. (Pedro Rubens Vargas. Entrevista concedida em 11/02/2021)

É bastante recorrente nas entrevistas a ideia de que o “criador cedeu espaço à criação”, ou seja, a compreensão de que o CRAB na qualidade de criador e idealizador de políticas educativas e memória da cidade, cede em suas demandas por um espaço de congregação da comunidade negra, em favor do investimento em marcos de posituação da presença negra em Porto Alegre, os monumentos do Projeto Museu do Percurso do Negro.

Bom, assim. Eu fui conhecer a ideia, na verdade ainda era no início, do Centro de Referência Afro-brasileiro em 1997, né. Na época eu trabalhava no Estado, no Museu Hipólito José da Costa, por causa da minha formação, e depois eu fui trabalhar na Secretaria da Cultura, na Prefeitura Municipal. Então lá a diretora na época, a Professora Zita Possamai, né, ela era diretora do museu Joaquim Felizardo. Então logo que eu entrei, existiam várias associações assim, do movimento negro, acho que quem capitaneava mesmo, acho que era o GT Angola-Janga. Eles tinham entrado no Orçamento Participativo, na temática da cultura, pedindo uma... dinheiro para organizar um seminário para discutir o Centro de Referência Afro-brasileiro. Existia, não era ainda o projeto, que era uma ideia a fim de se consolidar. A ideia era organizar então o Centro de Referência da Cultura Afro-brasileira em todas as suas inserções, mas a ideia era um centro físico, uma casa, algum lugar com essas referências (Pedro Rubens Vargas. Entrevista concedida em 11/02/2021).

Importante nesta narrativa ressaltar o papel do Orçamento Participativo na gestão local. A proposta do Centro de Referência Afro-Brasileiro surge na virada dos anos 1980 e 1990, período de efervescência dos movimentos sociais e redemocratização no Brasil. Em Porto Alegre, a partir da eleição de Olívio Dutra como Prefeito e dos governos seguintes do Partido dos Trabalhadores, a Frente Popular permanece por dezesseis anos ou quatro mandatos, à frente do governo municipal, de 1989 a 2004.

A Administração Popular, como ficou conhecida, desenvolveu um modelo de gestão mais participativo e direto da população na gestão do orçamento público na qual priorizava o

investimento municipal a partir de um canal inovador, o *Orçamento Participativo*. Por definição recupero que

[...] o chamado ‘Orçamento Participativo’ de Porto Alegre, como ficou conhecida essa inovação, vem sendo reconhecido, desde então, como uma experiência bem-sucedida de participação popular e de governabilidade da gestão pública e, como tal, vem alcançando uma ampla repercussão no cenário político nacional e internacional, sendo interpretado no discurso de diversos atores políticos e sociais como uma estratégia para a instituição da cidadania no Brasil (FEDOZZI, 1998, p. 237).

Os movimentos realizados entre os anos 1980 e 1990 estão a seguir compilados:

Em 1993, a ideia do Centro de Referência Afro-Brasileiro sai da subjetividade e assume a função de Diretrizes do Programa de Governo da Frente Popular em Porto Alegre.

Em 1996, o historiador Marcos Antônio Lírio de Mello, por solicitação do Fórum de Articulação das Entidades Negras do Rio Grande do Sul, elaborou um Projeto sobre este tema.

Em 1997, uma comissão ampliada de Fórum, apresentou um Projeto substitutivo, com a perspectiva de ampliar a discussão e a reflexão para a comunidade em geral.

Em dezembro de 1998, realizou-se o *Seminário Memória e Identidade – Afirmações da Cidadania do Povo Negro* promovido pela Coordenação de Direitos Humanos e Cidadania/Assessoria de Políticas Públicas para o Negro da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, na programação da 7ª *Semana de Consciência Negra*. Neste espaço foram promovidas oficinas integradas a um papel composto por profissionais das áreas de História, Antropologia e Arte-educação, com o propósito de contribuir para a superação de problemas sociais implicados em processos de exclusão e o desenvolvimento da criatividade individual e comunitária. Entre os temas abordados destacaram-se *O Trabalho Escravo em Porto Alegre e Possibilidades e Limites das Ações Populares*. O objetivo central desse Seminário era compor um grupo de trabalho permanente que promovesse atividades comunitárias de afirmação da auto-estima e cidadania do povo negro.

Nessas iniciativas, ainda, a realização do **1º Seminário do Centro de Referência Afro-Brasileiro**, evento que foi discutido e demandado no Orçamento Participativo Municipal de Porto Alegre, contando com a presença de segmentos históricos da comunidade negra, tais como a Sociedade Floresta Aurora, Sociedade Satélite Prontidão, Casas de Religião de Matriz Africana, Sociedade Beneficente Cultural Bambas da Orgia, Sociedade Recreativa Cultural Embaixadores do Ritmo, entre outros grupos.

Em maio de 1999, por ocasião do **Dia Nacional de Denúncia Contra a Discriminação Racial**, a Coordenação de Direitos Humanos e Cidadania e a Assessoria de Políticas Públicas para o Negro da Prefeitura Municipal de Porto Alegre promoveram a *Pré-Conferência do Povo Negro*, onde o tema motivador foi o Centro de Referência Afro-Brasileiro sob o título *A Unidade da Expressão Negra em Porto Alegre através do Resgate do Passado, da Contextualização do Presente e da Projeção do Futuro*, contando com a participação de um representante histórico do Movimento Negro de Salvador, Gilberto Leal.

O **2º Seminário do Centro de Referência Afro-Brasileiro** ocorreu em dezembro de 1999, trabalhando com atividades reflexivas, lúdicas e solidárias, além de palestra e debates, definiu um caráter permanente para a mobilização e encaminhou um conjunto de resoluções. O pano de fundo desses encaminhamentos foi o processo, os resultados das oficinas e a marcante palestra proferida na ocasião pelo coordenador da Fundação Centro de Referência da Cultura Negra de Belo Horizonte, Marcos Cardoso.

Nesse processo de construção do **Centro de Referência Afro-Brasileiro**, há envolvimento concreto de entidades do Movimento Negro da cidade, tais como “Mocambo”, Clube Satélite Prontidão”, “Angola Janga”, “Ação Cultural Kuenda”, “Instituto Brasil África” e “África”.

Já no programa 2000, do governo da Frente Popular, o Centro de Referência Afro-Brasileiro reapareceu como diretriz a ser implementada.

No que diz respeito às articulações internacionais sobre a questão racial, um fato relevante vem se somar às nossas preocupações: em 1997, a ONU deliberou por convocar a 3ª Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Conexas de Intolerância, a se realizar na África do Sul, de 31 de agosto a 7 de setembro de 2001. Dentre seus objetivos gerais, destacamos dois que nos dizem respeito diretamente:

- Analisar os fatores políticos, históricos, econômicos, sociais, culturais e de outras naturezas, que tem contribuído para o racismo;
- Aumentar o nível de consciência sobre o racismo e suas conseqüências.

Em síntese, a Constituição do **Centro de Referência Afro-Brasileiro** representará uma oportunidade singular de divulgarmos nossas posições em âmbito mundial. Sendo assim, a sustentação do Centro de Referência Afro-Brasileiro significa hoje, a sustentação do processo de construção da militância negra, comunitária e cidadã.

Neste contexto é que apresentamos o Projeto que prevê a realização do **3º Seminário do Centro de Referência Afro-Brasileiro**.

Ao analisarmos os antecedentes e as justificativas do CRAB, percebemos a mobilização em âmbito municipal, em relação à militância negra porto-alegrense, a articulação com as esferas municipal, estadual e federal, e ainda, articulações transnacionais

com as cidades de Salvador e Belo Horizonte. Além dos variados temas dos debates que tinham como objetivo “contextualizar a realidade social da comunidade negra brasileira, projetando o futuro na perspectiva da construção de uma sociedade igualitária, multiétnica, fraterna, humanista e solidária”.

A seguir anuncio a trajetória de Mestre Lua como exemplo de protagonismo negro, uma liderança capaz de mediar relações dentro e fora da comunidade negra, em busca da emancipação e da cidadania. O CRAB apresenta-se como continuidade das lutas pela liberdade e pela participação cidadã no município de Porto Alegre e, nesse movimento educase todos os grupos raciais não apenas os negros da diáspora em solo sulino.

3.3.MESTRE LUA: AS PESSOAS EM REDES E MOVIMENTOS

Ao esboçar parte da história do Movimento Negro em Porto Alegre e sua relação com as instituições partidárias e governamentais, destaco aqui, de maneira muito breve, a trajetória de um desses sujeitos que percorreu estas instâncias.

José Alves de Bitencourt, o Nego Lua, foi figura central nas articulações dos membros da militância negra da cidade. Lua, como era chamado, nasceu na cidade de Bagé, em 29 de Julho de 1942 e foi trabalhador da Estiva no Cais do Porto do município de Porto Alegre, no final da década de 1970. Durante sua trajetória como estivador, já reivindicava melhores condições para a sua categoria. Por conta de um acidente de trabalho em uma das mãos, ele deixa de exercer a profissão e decide concluir os estudos básicos.

Em entrevista com a senhora Veneza Bitencourt, sua viúva, ela relata que Lua sempre foi preocupado com as questões do negro e participava das articulações da criação do novo partido na década de 1980. Nego Lua participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) no ano de 1983 em Porto Alegre, e suas preocupações vão ao encontro de outros militantes ativos naquele período, Helena Machado e Oliveira Silveira, integrantes do Grupo Palmares. A partir desse encontro, Lua inicia sua trajetória política no Movimento Negro.

Uma das pessoas que teve participação muito grande, posso dizer que até responsável pelo Lua começar no PT e no MNU foi a Helena Machado [...] muita coisa ele aprendeu com ela, sobretudo, que estavam sempre juntos. Sempre tem que enaltecer pela luta dela [...] uma pessoa muito honesta, ela tinha posições muito claras (Veneza Bitencourt. Entrevista concedida em 22/06/2021).

Iván Braz, amigo e companheiro de militância inicia seu relato sobre Lua lembrando suas falas.

Pensa num sujeito com baixa instrução, com baixa instrução formal, né?! Um cara autodidata, e que dedicou, ele dizia, são palavras dele: "eu estou disponível para luta 24 horas por dia", e era isso! [...] Ele dizia, "o meu telefone é um telefone militante, ta disponível 24 horas por dia" (Iván Braz. Entrevista concedida em 11/02/2021).

Foi sócio fundador do Grupo de Trabalho Angola-Janga, criado em 1988, mas refundado e registrado em 2002, com o objetivo de promover igualdade racial. No ano de 1991 ajudou a criar o FAENERS – Fórum de Articulação de Entidades Negras do Estado do Rio Grande do Sul, cujo objetivo de preparar e organizar o I Encontro Nacional das Entidades Negras (ENEN), realizado em São Paulo, de 14 a 17 de novembro. De acordo com o Professor Jorge Manoel Adão (2002) o FAENERS

Constitui-se como instância de articulação das entidades negras gaúchas em torno de um espaço de discussão e de representação destas entidades diante de eventos oficiais como organização de Semanas Municipais do Negro e Comissão Nacional de Entidades Negras (CONEN). A CONEN, por sua vez, foi instituída dentro do I ENEN, em São Paulo, no ano de 1991, sendo composta por representantes de cada Fórum Estadual. (ADÃO, 2002, p. 127)

O FAENERS é responsável por algarutinar as entidades da sociedade civil e intermediá-las junto ao governo estado, reivindicando a promoção de políticas para a população negra voltadas para saúde, educação e geração de renda. É composto por dezenas de entidades e coletivos negros de várias cidades do estado do Rio Grande do Sul.

Cabe uma observação acerca do nome das organizações que compunham o movimento negro nos anos 1970 e 1980, em particular o Grupo Palmares, Ação Cultural Kuenda e o Grupo de Trabalho Angola-Janga, da qual pertencia Oliveira, Helena e Lua, respectivamente. O primeiro e o último remetem à maior organização comunitária forjada pelos africanos livres durante o período colonial no Brasil e inspirada nas suas possíveis comunidades de origem. Já a segunda carrega um nome do tronco etnolingüístico de matriz banto, da região centro-ocidental do continente africano, provavelmente da atual região de Angola.

Nego Lua foi um grande articulador no meio negro da cidade e realizou a mediação entre os movimentos sociais e os órgãos públicos, e esteve diante da Coordenação das Políticas Públicas para o Povo Negro, no período de 1997 a 2001. Neste período foram realizadas a I e a II Conferência Municipal de Direitos Humanos.

Pelo seu saber ancestral e articulação política muitos dos seus companheiros diziam que era um Mestre Griô, por conta da sua sabedoria, pela sua destreza em congregar as pessoas, em ouvir os companheiros.

[...] ele dedicou sua vida a essa causa, a causa dos negros [...] era um cara

controverso também, tinha proposições muito firmes, muito fortes. Ideologicamente muito bem situado à esquerda, entendeu? Ele tinha essa noção de luta racial e luta de classe, ele tinha perfeitamente, mas antes da luta de classe, ele fazia essa ressalva, de que a gente precisava ter a dignidade humana garantida né, e daí depois, vamos nos organizar na classe (Iván Braz. Entrevista concedida em 11/02/2021).

De 2002 a 2009, Mestre Lua se dedicou a refundação do GT Angola-Janga, à construção do CRAB e ao Museu de Percurso do Negro, porém veio a falecer em 2009, mesmo ano do Poeta Oliveira Silveira. Por conta de sua morte, José Alves de Bittencourt, o Nego Lua, recebeu homenagens pelo Senado Federal.

“Eu sou discípula do Lua” nos relata a Mestra Griô Maria Elaine Rodrigues Espíndola. Dona Elaine esteve junto com Lua durante a militância e no processo de construção do Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre, inaugurado em 2010.

Mestre Lua é um exemplo de pessoa negra em movimento que não se destaca pela individualidade isolada, apesar de ser rememorado com grande destaque e afeto. Ele é lembrado pela capacidade de agregação e de mediação política ao acessar cargos na administração local.

A partir dos anos 1980 e com a redemocratização da política brasileira, o movimento negro passa a utilizar-se da estratégia da infiltração no estado como repertório central de ação política. A infiltração não elimina o conflito político entre movimento negro e as esferas estatais e gera uma nova configuração da atuação do movimento. Essa nova configuração caracteriza-se pela institucionalização do movimento, que passa a atuar dentro e fora do estado para atingir seus objetivos. (LEITÃO, 2012, p. 52)

Leonardo Leitão sintetiza o modo como o movimento negro operou diante das oportunidades políticas a partir da redemocratização e José Alves de Bitencourt, o Mestre Lua, é um exemplo do que o autor destaca como “infiltração”. Mestre Lua fora esse sujeito sagás e astuto na sua atuação tanto no moviemnto negro quanto no partido dos trabalhadores e na institucionalidade. Logo, Mestre Lua promove a *arte do cruço* (RUFINO, 2019, p. 86) que nada mais é do que a invocação motriz exusíaca. A transgressão necessária, a resiliência, a possibillidade, a transformação. Lua se infiltrou ao seu modo com a experiência enquanto pessoa negra e absorveu as tecnologias partidária e institucional em busca de melhores condições de uma vida cidadã para as pessoas na cidade de Porto Alegre. Deixou sua marca no tempo e parte dos seus ensinamentos marcados nas obras dispostas pela cidade.

A seguir apresento as ações educativas do CRAB na relação com a cidade em geral e com a comunidade negra em específico.

4. AÇÕES EDUCATIVAS CONFIGURADAS NO PROJETO DO CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRA (CRAB)

Finalmente, descrevo e destaco o protagonismo negro nas ações educativas originais construídas pelas pessoas envolvidas com o CRAB na temporalidade definida como final do século XX e início do século XXI. Começo ressaltando as seguintes falas:

Uma vez que tu participa que tu tem uma organicidade no movimento social negro, tu nunca mais vai ser a mesma pessoa. E aí a ideia de transformação e também de propagação, de multiplicação, de exemplo, de referência que tu vai te tornar.[...] o movimento ele educa pra isso. Ele te educa para vida, para enxergar o mundo com outras possibilidades. O mundo mais diverso, diferente, duro em algumas coisas, mas ao mesmo tempo é fraterno noutras. Então, militância no movimento ela te permite isso, tu aprende muito, mas tu também ensina muito. Que eu acho que é isso que tu também tem feito de alguma maneira. Ensinar é aprender ensinando e ensinar aprendendo. É uma via de mão dupla! O movimento negro é uma via de mão dupla [...] Eu confesso para ti que eu tô aqui muito envaidecido de tá sendo entrevistado por ti. Porque eu participei, eu sou parte disso. Não tem como eu negar, eu não reconhecer. Eu não dizer, deu certo! E quando aquele canalha do vereador disse que deu certo a política de cotas, por isso que a gente elegeu cinco vereadores, eu queria soltar foguete! Tu tá entendendo?! Eu queria soltar foguete porque deu certo, mesmo que ele não quisessem, nós vencemos, entende?! Então mostramos, que isso é importante, que nós vencemos. Então, eu acho que é esse tipo de educar, no sentido de que a luta e a organização valem a pena! (Iván Braz. Entrevista concedida em 11/02/2021)

E tipo assim, é um conhecimento em mais de uma via, a gente tanto ensina quanto aprende muito. É uma troca. Realmente é uma troca de conhecimento, apropriado histórico, conhecimento político, de Vivência, de saber das condições de vivência, de desejos mesmo. Porque aquele desejo? Então, na prática, eu vejo assim, qualquer movimento político é um movimento que forma. Não é assim, forma politicamente. Ele forma em várias dimensões, a partir daquele conhecimento político ele te obriga a ler filosofia, a ler história, a conhecer melhor o mundo que fala e a te conhecer. Ele forma, até porque ele forma pessoas que ficam com, como dizem, o Axé de Fala, com a comunicação. Isso é uma troca também. Eu acho assim. Eu acho que esse desejo do Crab, ele produz um conhecimento muito grande (Pedro Ruben Vargas. Entrevista concedida em 11/02/2021).

A proposta desta produção foi relacionar a educação com os saberes e experiências produzidos pelas populações afro-brasileiras, que a partir da diáspora, promovem uma educação antirracista. O foco do estudo está nas experiências produzidas pelos agentes afro-gaúchos que constituíram as ações políticas e educativas no século XX e XXI na cidade de

Porto Alegre como: *CRAB - Centro de Referência afro-brasileiro (1987)*, no qual surgiram as pesquisas referentes aos Territórios Negros Urbanos em Porto Alegre; *GT Angola Janga (1988)*, entidade que atua na área da educação, realizando a formação de militantes, jovens e adultos; *Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre (2010- 2014)*, que aponta e monumentaliza patrimônios no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre; *Territórios Negros/percurso de ônibus e ação educativa (2010-2016)*; *Curso de Formação Territórios Negros (2015- 2019)* e o *Jogo As Viagens do Tambor (2015-2017)*. Igualmente, outros marcos simbólicos espaciais, além de práticas culturais, buscam promover a visibilidade positiva e a importância dos negros na formação de uma cidade pluriétnica e multirracial. Todas essas ações foram iniciativas do movimento negro local e demonstram o potencial mobilizador e educativo dos seus pares. Também revela a capacidade de educar o poder público, através das reivindicações, e a própria cidade, ao construir marcos identitários que representam a trajetória deste grupo.

Defendo que os protagonismos das pessoas negras se fazem presentes na construção do projeto sociopolítico nomeado CRAB, no final do século XX e início do século XXI, através da monumentalização de territórios negros da cidade de Porto Alegre e que essa é sua ação educativa por excelência.

Em que ela se diferencia? Por construir-se como processo coletivo e comunitarista num processo espiralar onde o visível e o invisível se cruzam. Ressalto que mesmo as trajetórias individuais não buscam um mérito ou crédito do tipo liberal, capitalista e individualista.

A história do CRAB nos educa porque é uma história de luta por cidadania e por reconhecimento na cidade. Ao mesmo tempo desvela as condições de adversidade na disputa pela memória e pelo reconhecimento, pois há a opção complexa e polêmica de cedência de um espaço físico para a comunidade negra e favor de demarcação de marcos territoriais de memória negra na cidade. Trata-se de uma luta que processualmente, na relação de negociação com as instituições administrativas da cidade, revela o racismo que opera nas estruturas e as ações de combate ao mesmo.

Que ações educativas destaco?

Cito a **CRONOLOGIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A POPULAÇÃO NEGRA EM PORTO ALEGRE NO CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO**⁹, produzida por Marco Mello¹⁰, para responder essa pergunta:

⁹ Extraído do livro “*Porto Alegre assume sua negritude*, 2004. p. 34.”

1971 – Em Porto Alegre surge o Grupo palmares, que realiza em 20 de Novembro o primeiro evento de criação do Dia Nacional da Consciência Negra, em homenagem à resistência de Zumbi, no Quilombo de Palmares.

1986 – 1ª Semana do Negro (Gestão Prefeito Alceu Colares – PDT)

1989 – Criação do Orçamento Participativo – Criada por Decreto Municipal a Comissão de Estudos de Direitos Humanos e Segurança Pública.

1991 – 2004 – Memória dos Bairros: Restinga, Arquipélago.

° Publicação: Carnaval em Porto Alegre.

° Memória da Limpeza Urbana.

1992 – 1ª Semana da Consciência Negra.

- 1º Seminário: Carnaval, Cultura e Cidadania.

- Criação da Assessoria Especial do Negro vinculada ao Gabinete do Prefeito.

- Início das Atividades Alusivas ao Dia Internacional Contra a Discriminação Racial, em 21 de março.

1993 – Criação do FUMPROARTE.

- Festa de Oxum.

- Início da organização do GTA - Grupo de Trabalho Anti-Racismo no PMPA e regulamentação em 2003.

1994 – Início dos Ciclos de Conferências Municipais temáticas (Educação, Saúde, Assistência, Habitação, etc.).

- Instituição do Conselho Municipal de Direitos da Cidadania contra as Discriminações e violência.

1995 – Semana Municipal da Umbanda e das Religiões Afro-Brasileiras.

1996 - Publicação “Culturas e Trabalhos: história sobre o negro no Brasil” (SMED).

- Pesquisa Arqueológica na Ilha do Quilombo Bairro Arquipélago.

1997 – Criação do CDHC Coord. Direitos Humanos e Cidadania, vinculada ao Gabinete do Prefeito.

- Campanha “Porto Alegre sem Preconceito” Artigo 150 Lei Orgânica.

1998 – 7ª Semana da Consciência Negra.

- 1ª Conferência Municipal dos DHS.

1999 – Boletim 8ª Semana da Consciência Negra: Tambor.

¹⁰ Historiador e assessor técnico-pedagógico junto a Coordenação de Pesquisa e Formação da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana.

- Aprovada Lei Educação Anti-Racista e Antidiscriminatória na formação de educadores (SMED).

2000 – Aprovação de Proposta de Criação do CRAB – Centro de Referência Afro-Brasileira.

- Lei 8470/00 – Cadastro Raça e Etnia.
- II Conferência Municipal de Direitos Humanos.

2001 – Criação do Conselho Municipal de Direitos Humanos.

2002 – Início do Programa de Formação Raça e Etnia e Campanha “Eu Assumo minha Negritude”.

- Inauguração Recanto dos Orixás 20 hec. No Parque Saint Hilaire.
- SMIC; Políticas de Cotas para instalação de grandes empreendimentos.
- Programa Municipal de Prevenção da Anemia Falciforme.
- 1º Encontro Municipal de Direitos Humanos.

2003 – Criação da Secretaria Municipal de Direitos e Segurança Urbana

- Convênio PMPA/Fundação Palmares para realização de laudo antropológico visando o reconhecimento dos direitos da Família Silva, remanescentes de quilombo em área urbana da capital.

- Lei 493/03 – Reserva de vagas nos concursos públicos para afros-brasileiros.
- Criação Largo Zumbi dos Palmares.
- Organização do CRAB – Centro de Referência Afro-Brasileiro
- Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre (GTA/CRAB/SECON)
- IV Congresso da Cidade
- 15 anos do Orçamento Participativo

2004 – IIIª Conferência Municipal de Direitos Humanos

- Implantação do CRVV – Centro de Referência das Vítimas de Violência
- Inauguração do Complexo Cultural e Carnavalesco Porto Seco
- Constituição do GT Quilombos Urbanos
- Levantamento do Patrimônio Imaterial da comunidade Luís Guaranha (Quilombo Urbano) na Cidade Baixa.

São todas ações educativas oriundas das reivindicações do Movimento Negro local e que a partir das dinâmicas e dispositivos acessados através da institucionalidade, ocasionaram o espraiamento das pautas para outros setores da administração pública municipal, o que torna

Porto Alegre até mesmo pioneira em algumas iniciativas em termos de políticas públicas e ações afirmativas.

[...] os movimentos sociais nos viam como uma porta, um espaço permeável no poder público para uma discussão que geralmente era refratada, que tinha dificuldade de acessar. A gente era visto também como alguém que era capaz de fornecer o recurso, de ser o aporte, de criar as condições para um aporte financeiro e material para realização das atividades, dos projetos e das ações, né. Talvez fosse quem tivesse a competência e a expertise para poder circular entre os canais de fomento, de financiamento e melhor ainda porque a gente conseguia ir além disso. Ainda criar a identidade, né. A gente tinha um grupo que identitariamente, ou no mínimo politicamente, né. Porque não eram só pessoas negras, né, mas majoritariamente pessoas negras, a gente também ainda criava esse outro vínculo que era o do vínculo mais abrangente, mais amplo de todos que era o do combate ao racismo. (Manoel José Ávila da Silva. Entrevista concedida em 12/02/2021)

A Professora Adriana Santos nos relata os modos de agir diante da relação Movimento Negro e Administração Pública, no caso dela, a Secretaria Municipal de Educação.

[...] muitas das conquistas que eu consegui dentro da Secretaria de Educação foi esclarecendo as pessoas. Dando visibilidade com mais potência para questões que estavam sendo pleiteadas no movimento negro, e que não eram compreendidas na secretaria. É a partir do momento que eu conseguia fazer com que as pessoas tivessem uma compreensão maior do que se tratava, como é que se fazia, que era possível se fazer, que dava para fazer, a coisa acontecia. Só que teria, que tinha que ter alguém lá dentro, sim, para fazer esse papel.[...] Se tu não tem nenhum representante do movimento dentro do administração pública, a coisa não andaria porque as pessoas lá dentro não conhecem, não sabem. não iriam fazer, não só por desejo de querer ou não fazer, mas por que desconheciam esse fazer. Eu, mesmo não sendo do movimento, eu meio que fazia esse papel de mediar o que que era do movimento para que aquilo entrasse dentro do poder público e ao mesmo tempo explicar para o movimento como é que funcionava a máquina pública (Adriana Conceição Santos dos Santos. Entrevista concedida em 22/02/2021).

De acordo com Leitão (2012) “o traduzir na linguagem burocrática é uma das funções do militante que ocupa espaços institucionais. Mas não apenas de tradução, mas sim, também de disputa de espaços na institucionalidade”.

Foi através de iniciativas como a do CRAB, que embora não tenham sido contempladas como um todo, que outras ações foram sendo criadas com a adoção de Políticas Públicas ou de Ações Afirmativas, voltadas para o combate à discriminação da população negra, garantindo por exemplo a) *Lei de Cotas (12%)* sendo a primeira capital a instituir a ação afirmativa em concurso público no país; b) *Lei 8470/00 raça e etnia nos dados cadastrais da prefeitura*, realizando formações com os funcionários da prefeitura municipal; c) *Quilombo do Silva* e a realização do laudo sócio-antropológico da comunidade e que em 2010 veio a receber a titulação dos órgãos federais; d) *Educação Anti-Racista*; e) *Anemia*

Falciforme sendo reconhecida pelos gestores da área da saúde e a geração de capacitação continuada para o atendimento; f) *Resoluções da III Conferência de Direitos Humanos*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Joel Rufino dos Santos, historiador, ao analisar o “perfil da cultura negro-brasileira”, sintetiza que “A essência da cultura negro-brasileira é Exu – o que tudo assimila, o que tudo comunga, o multiforme, o amoral, o que abre caminhos, o mensageiro entre os deuses e homens, aquele que ‘acertou ontem uma pedra que só hoje atirou’”. (SANTOS, 1994, p. x)

Assim como cada um tem seu Exu, são inúmeras as culturas negras no Brasil, foram e são as inúmeras possibilidades de se reinventar e de existir através dos tempos, diante das mais variadas formas de exclusão, operadas e capitaneadas a partir e principalmente do racismo anti-negro.

O exercício desta investigação se coloca próximo daquilo que trata o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, “o negro vida” e não “o negro-tema” (RAMOS, 1995). Embora estejamos diante de um projeto construído na contemporaneidade, para ainda, preencher algumas lacunas na vida do negro brasileiro em relação ao acesso a cidadania, a vida do negro é marcada por instabilidades e incertezas, principalmente quando diante da estrutura do poder controladas pelo espectro da branquitude.

As pessoas que se propuseram a construir o projeto nomeado CRAB, levaram consigo as suas e as experiências dos seus iguais enquanto pessoas negras em Porto Alegre e somaram-se aos dispositivos institucionais do seu tempo buscando tornar a vida mais digna para as gerações do seu tempo e do futuro, sem não haver vitórias e avanços nas suas reivindicações, mas também prejuízos e estagnações.

Parto do pressuposto de que educar é construir projetos de humanidade. Igualmente educar tem vínculo com o que aprendemos do ponto de vista das nossas relações intergeracionais e das nossas ancestralidades. A sociabilidade e a socialização relacionam-se com as aprendizagens que fazemos nos processos dialógicos e pedagógicos que vivemos. No caso desse estudo, observei ações educativas em agremiações do Movimento Negro na cidade de Porto Alegre. Busquei investigar as formas de transmissão desse projeto humanitário, comunitário e educativo.

Para futuros estudos, imagino a importância de investigar os contatos das lideranças negras do MN com as agremiações negras frequentadas pelos seus pais e avós.

REFERÊNCIAS

- ADÃO, Jorge Manoel. **O Negro e a Educação**. Movimento e Política no Estado do Rio Grande do Sul (1987 – 2001). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2002.
- ASANTE, Molefi K. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009a, p. 93-110.
- BALANDIER, Georges. **As Dinâmicas Sociais: sentido e poder**. São Paulo: Difel, 1976.
- BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n. 003/2004 de 10 de março de 2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 maio 2004.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, v. 12, p. 113-136, 2007.
- FEDOZZI, Luciano. **Esfera pública e cidadania: a experiência do Orçamento Participativo de Porto Alegre**. Ensaios FEE, Porto Alegre, v.19, nº2, p. 236-271, 1998.
- FERREIRA, Antônio Mário “Toninho” (Org.). **Na própria pele: os negros no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG- Secretaria de Estado da Cultura. 2000. p. 29- 35.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.
- LEITÃO, Leonardo Rafael Santos. **Oportunidades políticas e repertórios de ação: o movimento negro e a luta de combate à discriminação racial no Brasil**. Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Sociologia, 2012.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**. In: RAVETTI, Graciella; ARBEX, Márcia (Orgs.). : errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: POSLIT/UFMG, 2002. p. 69-91.
- MELLO, M. E SANTOS, R. (Org.). **Porto Alegre assume a sua negritude**. Porto Alegre:

Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana. 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Terceira edição. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. Org. Alex Ratts. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NOGUERA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito. **Cultura e Afrodescendência**: Organizações Negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002). Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, dezembro de 2007. 312 f.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2018.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, escolas e arcádeas**: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2017. 93f.

RAMOSE, M. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana**. Tradução de Rafael Medina Lopes, Roberta Ribeiro Cassiano Dirce Eleonora Nigro Solis. Rio de Janeiro: Ensaios Filosóficos, v. IV - outubro 2011, 2011.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro. Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: UnB/INCTI, 2015.

SANTOS, Joel Rufino. Movimento Negro e a crise brasileira. In: SANTOS, J.R. & BARBOSA, W.N. **Atrás do muro da noite** – Dinâmicas das culturas afro-brasileiras. Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994, p. 157.

SANTOS, Juana Elbein. **Os Nagô e a morte**: Pàdê, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, Rosália de Fátima e. Compreender a “entrevista compreensiva”. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 26, n. 12, p. 31-50, maio/ago. 2006.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970)**: geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Dissertação (Mestrado), POSGEA-UFRGS, Porto Alegre, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Para a entrevista, seguimos o seguinte **roteiro inicial**:

DADOS GERAIS DE IDENTIFICAÇÃO:

IDADE:

SEXO:

RAÇA:

COLETIVO ORGANIZADO DO MN OU DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA:

QUESTÕES ABERTAS:

1) Conte sobre sua vida na cidade de Porto Alegre. Como você e seus familiares ou comunidade veio morar aqui; onde morou.

2) Conte sobre sua vida na comunidade em que viveu e vive.

3) Conte sobre sua aproximação com organizações de pessoas negras em Porto Alegre. Como aconteceu a aproximação e o que você aprendeu nesses grupos.

4) O que você sabe sobre o CRAB e a construção de monumentos importantes para a memória das pessoas negras em Porto Alegre?

5) Como foi o processo de construção desses monumentos na relação com os poderes públicos da cidade?

6) O que você e os grupos a que você pertencia/pertence desejavam com o CRAB?

7) Vocêsente que a cidade correspondeu aos desejos de sua organização através do CRAB?

APÊNDICE B - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COMISSÃO DE PESQUISA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: PESSOAS NEGRAS EM MOVIMENTO: LUGARES EPISTÊMICOS CONSTRUÍDOS NO CENTRO DE REFERÊNCIA AFRO-BRASILEIRO/PORTO ALEGRE

COORDENAÇÃO: Maurício da Silva Dorneles

NATUREZA DA PESQUISA: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade *analisar os agenciamentos das pessoas negras se fazem presentes na construção do projeto sócio-político nomeado CRAB, no final do século XX e início do século XXI, na monumentalização de territórios da cidade de Porto Alegre*. Este projeto é uma pesquisa de mestrado em Educação realizado no Programa de Pós-Graduação da UFRGS. O projeto aprovado faz parte de uma investigação sob responsabilidade de Carla Beatriz Meinerz, aprovada Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de cinco pessoas na qualidade de entrevistados.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo, você responderá a algumas questões abertas, de forma oral, com gravação simultânea, apresentadas anteriormente. Você tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você quiser mais informações sobre este estudo pode entrar em contato diretamente com o mestrando Maurício da Silva Dorneles, pelo número (51) 991249529

RISCOS E DESCONFORTO: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 69 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais porque, acima de tudo, interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de os cidadãos porto-alegrenses.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO COMISSÃO DE PESQUISA Av. Paulo Gama, s/n, sala 918, Centro Histórico, Porto Alegre, RS – Cep: 90046-900 – Fone: 3308.3098 – Contato: Maurício da Silva Dorneles – maudsd@gmail.com – 51 991249529.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa.

Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, concordo em participar desta pesquisa.

Nome _____

Assinatura _____

Local e data _____

Pesquisador _____

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. O pesquisador(a) responsável por esta pesquisa é a/o Prof(a). Dr(a) carla Beatriz Meinerz do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS. Maiores informações podem ser obtidas com o Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (51) 3308.3738.